



CRB

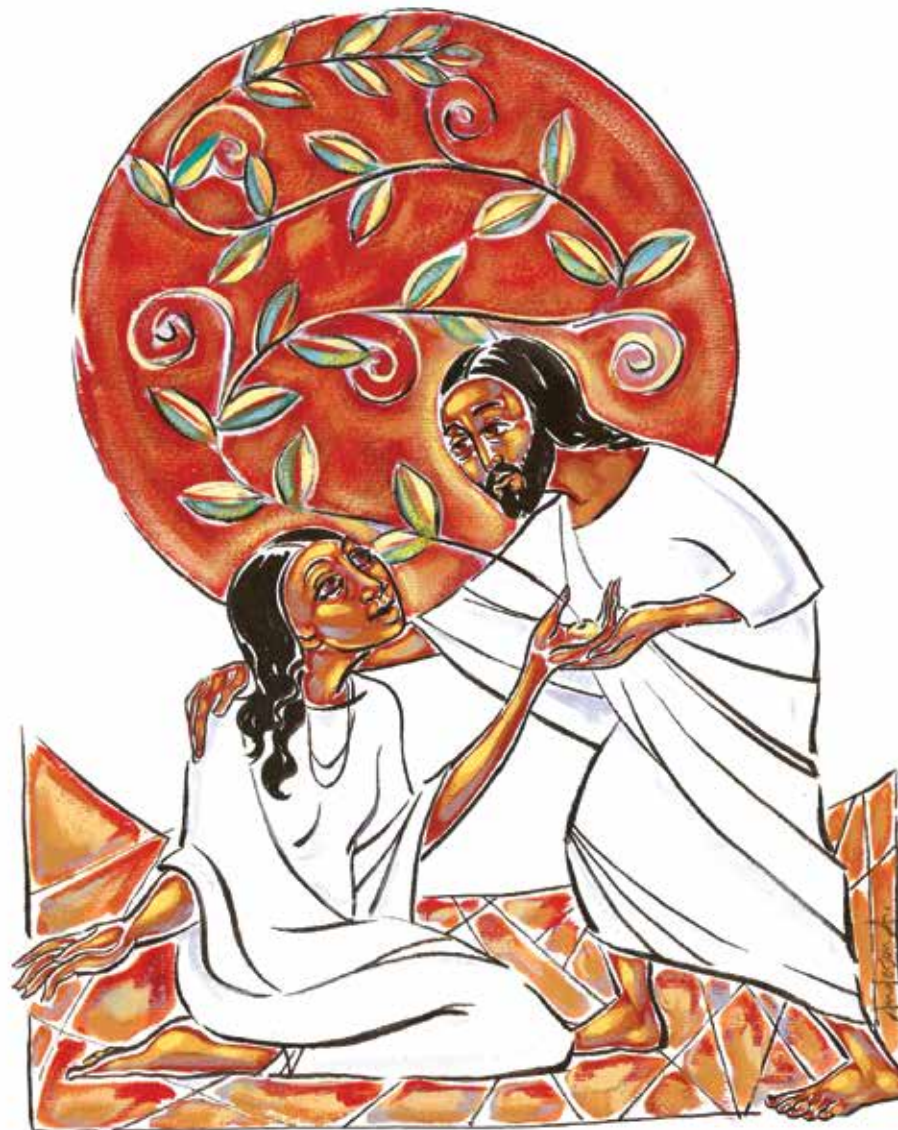
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- O Vaticano II e a renovação da VRC
- A VRC e a Palavra de Deus à luz da *Dei Verbum*
- Jesus histórico, rosto humano de Deus
- 3º Seminário Nacional de Irmãos

Sumário

Editorial

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter..... 721

Mensagem

Mensagem nacional do 3º Seminário Nacional de Irmãos..... 726

Informes

Fórum Nacional – Atuação Profético-Missionária da Vida Religiosa Consagrada:
desafios, alternativas, perspectivas 730

XI Encontro Interinstitucional da Equipe Itinerante da Amazônia..... 739

Irmãs Contemplativas do Bom Pastor: cem anos de amor e doação 743

Arte e Cultura

In memoriam

Plutarco Almeida..... 745

Artigos

O Concílio Vaticano II e a renovação da Vida Religiosa Consagrada
Luiz Carlos Susin 750

A Vida Religiosa e a Palavra de Deus, à luz da *Dei Verbum*
Johan Konings 763

Jesus histórico: rosto humano de Deus
Mercedes Lopes 782



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitória, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:
Cirano Dias Pelin

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:
Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não representam necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2012: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

O nosso Cadastro Informatizado de Assinantes mudou, e mudou para melhor! A partir de agora, assinaturas novas, bem como renovação de assinaturas, podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site crbnacional.org.br, imprimindo o boleto bancário;
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br);
- O método tradicional (depósito direto na conta da CRB Nacional) continua valendo, mas é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail!

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br

ou pelo telefone (61) 3226-5540.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).
Com o nosso fraterno abraço,

Pe. Plutarco Almeida, sj

Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...

721

EDITORIAL

Gente querida,
Família de Deus!

O título, convenhamos, não é dos mais criativos nem originais, mas tem sua razão de ser. De qualquer maneira, o passado deixa marcas, isso é verdade, enquanto o futuro, se o quisermos bom e belo, precisa de sonhos para ser projetado e construído. Quem não olha para trás e não percebe as marcas do que se foi, e não aproveita para aprender com os seus próprios erros, provavelmente continuará no erro. As pessoas que não têm a capacidade de sonhar e de investir, de apostar nos seus sonhos, também não conseguirão ser felizes mais tarde.

E o ano de 2012 já se foi! Não foi um ano muito fácil para a *Convergência*, sobretudo em relação ao processo de circulação da revista. Tivemos greve dos Correios (além de uma progressiva perda de qualidade dos seus serviços) e alguns problemas no nosso sistema de cadastro de assinantes. Houve reclamações, que procuramos acolher com humildade, tendo em vista a adoção de medidas visando a solução, a curto e médio prazo, das questões apresentadas pelos nossos assinantes. Apesar disso, a revista continuou crescendo e se consolidando como um veículo de comunicação a serviço da Vida Religiosa no Brasil, contribuindo para o fortalecimento do compromisso e da missão.

Graças a Deus vamos encerrar 2012 já com um novo sistema de cadastro, bem mais conável do que o anterior. A renovação de assinaturas para 2013 está sendo feita, desde novembro, através do site da CRB Nacional ou via e-mail.

Mas o método antigo (através de depósito bancário) continua valendo também!

Feita esta pequena introdução (que não deixa de ser também um pedido de desculpas) vamos falar, então, da edição de dezembro que agora está em suas mãos. Iniciamos com a mensagem do 3º Seminário Nacional de Irmãos, promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), em Brasília, de 11 a 14 de outubro de 2012. O evento contou com uma presença signi cativa de Irmãos jovens, e teve como tema *Masculinidades, mística e missão do Irmão leigo!*

Um outro acontecimento importante deste nal de ano foi sem dúvida o Fórum Nacional realizado pela CRB em Belo Horizonte, *Atuação Profético-Missionária da Vida Religiosa Consagrada: desa os, alternativas, perspectivas*. Publicamos aqui as conclusões do encontro, na esperança de que mais e mais Congregações e Institutos de Vida Religiosa Consagrada se animem e se disponham a trabalhar nas periferias e nas novas fronteiras que hoje estão surgindo.

E já que estamos falando de desa os, profetismo e novas fronteiras, trazemos também, na seção “Informes”, a cartanal do XI Encontro Interinstitucional da Equipe Itinerante da Amazônia, que aconteceu de 28 a 31 de agosto de 2012. Nossa intenção é prestigiar os Irmãos e as Irmãs que estão trabalhando na Amazônia, tentando com isso animar a Vida Religiosa Consagrada na mesma direção, como dissemos antes.

Dando continuidade à publicação dos jubileus das diversas famílias religiosas, homenageamos a Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, que em 2012 comemora o centenário de sua chegada ao Brasil.

A seção “Arte e Cultura” propõe uma re exão sobre a questão da memória, algo que muitas vezes deixamos de lado ou não valorizamos su cientemente. Hoje, mais do que nunca, é preciso *guardar a memória primeiramente em nome do passado, em respeito a esse passado, mas principalmente em respeito ao futuro.*

Abrindo a parte de artigos desta edição, o Frei capuchinho Luiz Carlos Susin, da Equipe de Reação Teológica da CRB, nos presenteia com um belo texto, intitulado “O Concílio Vaticano II e a renovação da Vida Religiosa Consagrada”:

Ao celebrarmos meio século de abertura do Concílio Vaticano II, um olhar retrospectivo sobre a renovação da Vida Religiosa Consagrada, renovação estimulada pelo Concílio, é um excelente exercício para um olhar prospectivo: depois deste meio século de descobertas, surpresas, sobressaltos, aprofundamentos, inserção, inculturação, criatividade, onde estamos e para onde vamos? É em vista do futuro que vale a pena olhar o passado.

Ainda sobre o tema do Concílio Vaticano II, na celebração do seu jubileu (cinquenta anos), *Convergência* oferece a seus leitores e leitoras a contribuição do teólogo jesuíta Johan Konings, “A Vida Religiosa e a Palavra de Deus, à luz da *Dei Verbum*”. O Padre Konings propõe uma reação sobre a *Dei Verbum* e suas incidências sobre a Vida Religiosa Consagrada nos dias de hoje, tendo em conta a releitura deste documento feita pelo Papa Bento XVI na exortação apostólica *Verbum Domini*, fruto da XII Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, realizada em 2008. Segundo o autor,

a *Verbum Domini* atualiza o documento conciliar por alguns avanços. Em primeiro lugar, aprofunda a hermenêutica bíblica. A *Dei Verbum*, na linha da *Divino A ante Spiritu* de Pio XII, insistiu no empenho dos exegetas em descobrir o sentido do autor nos textos bíblicos. A *Verbum Domini* acentua o processo hermenêutico, que permite que o ouvinte receba a palavra como palavra viva, hoje, “como o que ela de fato é: palavra de Deus, que age em vós que acreditais” (1Ts 2,13). Outro avanço é a perspectiva pastoral: não apenas o estudo da Sagrada Escritura deve ser a alma de toda a teologia (cf. *DV*, n. 24), mas toda a pastoral deve ser bíblica (*VDom*, n. 73-75).

E continua:

Tanto a *Dei Verbum* como a *Verbum Domini* insistem na alimentação pessoal dos Religiosos pelo contato *direto* com a Sagrada Escritura e não só através das reconstruções oferecidas pela teologia, pelo catecismo e pela leitura espiritual tradicional, que são interpretações condicionadas pelo quadro da época em que foram elaboradas.

O terceiro e último artigo foi escrito por Mercedes Lopes, Religiosa Missionária de Jesus Crucificado, biblista e assessora das Comunidades Eclesiais de Base. “Jesus histórico: rosto humano de Deus”, título escolhido por ela, reflete a necessidade de centralizarmos a nossa vida e missão na pessoa de Jesus Cristo:

Retomando a centralidade de Jesus para sua vida de fé, as primeiras comunidades cristãs recordavam seus ensinamentos e suas ações para nutrir a esperança, superar o medo e congregar em torno da pessoa de Jesus uma diversidade, cada vez maior, de seguidores e seguidoras, dando continuidade ao seu projeto. E hoje, ao resgatar o seguimento de Jesus, como núcleo de sentido e identidade para a Vida Religiosa Consagrada, estamos nutrimos uma espiritualidade libertadora? Essa espiritualidade ajuda-nos a perceber o *Kairós* de Deus convocando-nos para dedicar-nos ao cuidado de toda vida fragilizada, para que *todos tenham vida em plenitude* (cf. Jo 10,10), neste tempo de desemprego, insegurança, violência, tráfico de seres humanos, armas e drogas?

A Vida Religiosa Consagrada somente tem futuro se nutre uma relação apaixonada por Jesus e se assume radicalmente sua missão, na entrega cotidiana, gratuita, comunitária, amorosa, aos que estão às margens da sociedade do *bem-estar*. Essa paixão por Jesus e seu projeto tem sua inspiração na leitura orante dos Evangelhos e no contato direto com o sofrimento do povo, especialmente dos mais pobres.

Todos os artigos desta edição certamente irão ajudar a Vida Religiosa Consagrada no aprofundamento das suas opções, renovando ainda mais o compromisso em favor do Reino. Por tudo isso, a CRB Nacional acredita que a revista

Convergência seguirá ocupando um lugar de destaque não apenas nas estantes das nossas Comunidades, mas, sobretudo, nas mentes e corações dos Religiosos e das Religiosas.

Sonhos para 2013? Apenas um: continuar merecendo a sua confiança! Deus permita que possamos seguir juntos(as) em 2013, através das páginas desta revista.

Que venha o novo ano, com as bênçãos sempre renovadas de Deus Nosso Senhor!

E que você, leitor e leitora, permaneça fiel à sua vocação, o tesouro maior.

Obrigado a todos(as)!

Abração!

Padre Plutarco Almeida, sj

Mensagem final do 3º Seminário Nacional de Irmãos

*Oi que prazer, que alegria,
o nosso encontro de irmãos!*

(SI 133)

Representantes dos Religiosos Irmãos da Conferência dos Religiosos do Brasil realizaram em Brasília, de 11 a 14 de outubro de 2012, o seu Terceiro Seminário Nacional. O primeiro deles aconteceu em Mendes-RJ, no ano de 1987. O Segundo Seminário foi realizado em Belo Horizonte, no ano de 2010. Este Terceiro Seminário contou com a participação de setenta Religiosos Irmãos, de dez nacionalidades diferentes, vindos de treze estados do Brasil, e representando vinte diferentes Congregações. O evento contou com uma presença significativa de Irmãos jovens, e teve como tema *Masculinidades, mística e missão do Irmão leigo!* Esses três temas devem ser analisados tendo como pano de fundo as mudanças culturais, religiosas, econômicas e tecnológicas pelas quais as sociedades têm passado.

Há diferentes formas de se configurar e estruturar a masculinidade, todas elas fruto de construções culturais dos diferentes grupos em que nos inserimos durante a formação da nossa personalidade. Importa confrontar essas masculinidades com a proposta evangélica de Jesus. De uma maneira geral, a masculinidade que prevaleceu no Ocidente, e mesmo no Oriente, foi aquela calcada no exercício do poder. Quanto mais intenso for o exercício do poder, mais o sujeito desse poder – homem ou mulher – é considerado viril. Esse tipo de configuração de masculinidade está na gênese das diferentes formas de violência – simbólica, religiosa e física – que têm sido perpetradas ao longo dos tempos.

O próprio Jesus denunciou a violência viril praticada pelos senhores deste mundo. Ele denunciou que há, na natureza

humana, um impulso para a dominação que deve ser convertido em espírito de fraternidade. Jesus denunciou que os reis e governantes deste mundo agem com poder-dominação sobre os demais e disfarçam essa dominação sob o manto da benevolência (cf. Lc 22,24s). De maneira idêntica, as autoridades religiosas do tempo de Jesus usavam a religião para dominar e oprimir as pessoas.

Hoje, a tensão vivenciada por Jesus em relação às autoridades religiosas do seu tempo se manifesta na tensão entre clérigos e leigos, estes últimos reclamando um espaço de cidadania eclesial que lhes é negada na prática. Contrapondo a prática calcada no poder dos senhores seculares e religiosos deste mundo, Jesus apresenta a proposta do Reino e a natureza daqueles que nele tomam parte: todos são irmãos e somente um é o Pai (cf. Mt 23,8).

Os Religiosos Irmãos, vivendo uma masculinidade saudável, calcada na fraternidade e na abertura às diferenças e aos diferentes, que não devem ser simplesmente “tolerados”, mas acolhidos, compreendidos e respeitados em sua alteridade, podem propor, com a sua forma de vida própria na Igreja e no mundo, uma conjugação mais evangélica e fraterna para a Igreja. Uma eclesiologia fundamentada na fraternidade é o que propomos com a nossa forma de vida. Sintomaticamente, a ignorância nos diferentes âmbitos da Igreja – mesmo dentro da Vida Consagrada – acerca da nossa identidade fraterna e da nossa forma de vida revelam uma alienação em relação à proposta de Jesus sobre a identidade fraterna dos seus seguidores.

A imagem da Igreja como uma fraternidade não emergiu nos modelos eclesiológicos do Concílio Vaticano II. E, infelizmente, é forçoso reconhecer, nos cinquenta anos de abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, mesmo o modelo de Igreja como Povo de Deus parece não ter avançado significativamente em relação ao modelo tridentino de Igreja centrado nos clérigos e em detrimento de todos os demais batizados, Religiosos Irmãos inclusive.

Uma masculinidade saudável deve estar articulada com uma mística que conforme essa masculinidade com o

Evangelho. Nesse sentido, a Palavra de Deus lida a partir da realidade onde nos inserimos é a fonte onde podemos buscar compreender como o humano por excelência, o Filho de Deus encarnado, construiu e integrou a sua masculinidade a partir das diferenças, dos contatos e das amizades que ele estabeleceu: as mulheres, as crianças, os estrangeiros, as prostitutas, os doutores da lei, os escribas, os fariseus e outros sujeitos com quem ele conviveu ao longo da sua missão.

A masculinidade engloba, também, uma dimensão afetiva e sexual. Perguntamo-nos como essas dimensões se fazem presentes no nosso diálogo cotidiano com Deus. Nessa estrada de mão dupla que é a nossa vida e a nossa oração, construir uma masculinidade evangélica possibilita-nos uma convivência fraterna, serena e criativa.

Esse modelo de homem/masculinidade que é Jesus é o sentido mesmo da nossa vida e da nossa missão neste mundo. Ele é o modelo, é o primeiro entre os demais irmãos (cf. Hb 2,10-12) que buscamos anunciar com a nossa forma de vida. E, a partir do que somos, podemos fazer algo benéfico para a humanidade nos diferentes contextos socioculturais e religiosos onde nos inserimos.

É necessário compreender a missão de uma maneira diferente. Tanto na missão *ad gentes* quanto na missão *inter gentes*, o discípulo-missionário não é aquele que vai, em primeiro lugar, para pregar e catequizar. Ele é alguém que, em processo contínuo de conjugação a Jesus-Irmão, busca construir a fraternidade no meio da comunidade e dos povos onde ele se insere. A fraternidade proposta por Jesus rompe com os critérios biológicos e clânicos e nos impulsiona em direção a outros povos e a outras culturas para estabelecermos com eles relações horizontais de fraternidade.

A experiência de Deus nos desinstala. Ela faz de nós peregrinos em busca de um sentido para a nossa vida. Projeta-nos em direção a outros povos e culturas, tornando-nos forasteiros e, ao mesmo tempo, irmãos desses povos. Ao mesmo tempo, lança-nos em busca de novas formas de encarnarmos o nosso carisma e a nossa missão neste tempo em que nos é dado viver a graça de Deus. Nessa busca por

novas formas de vivência do nosso carisma, sentimos o peso das nossas instituições. Não raras vezes, a “bagagem” das nossas instituições impedem a agilidade no nosso peregrinar em direção às novas periferias e fronteiras. Também podem dificultar a visibilidade e a vivência da nossa vida de irmãos.

Há algo que levamos na nossa bagagem e no nosso coração quando partimos em missão: a experiência de um Deus que se fez nosso irmão. Por outro lado, encontramos, no meio das comunidades para onde somos enviados, a presença desse mesmo Deus, que se manifesta na pluralidade de povos e de culturas.

Masculinidades, mística e missão: de uma saudável articulação desses três elementos, nós, Religiosos Irmãos, podemos passar do bom para o melhor no caminho do discipulado. E, com os olhos fixos em Jesus-Irmão, a partir de onde estamos inseridos na Igreja e na sociedade, desafiados pelas novas periferias e fronteiras, fermentar a Igreja com o nosso carisma e com a nossa forma de vida específicas. Ter irmãos não é uma opção. Mas ser irmão é uma vocação que todos os batizados são chamados a acolher. E é esse um dos sentidos da vida dos Religiosos Irmãos: serem sinais, na Igreja e no mundo, desse chamado universal à fraternidade.

*Religiosos Irmãos participantes
do 3º Seminário Nacional
Brasília-DF*

Fórum Nacional Atuação Profético-Missionária da Vida Religiosa Consagrada: desafios, alternativas, perspectivas

ANTONIA MENDES GOMES, NDC
MARIA DAS GRAÇAS APOLINÁRIO, STS

Atendendo ao Projeto Trienal 2010-2013, a CRB Nacional, através dos Setores de Evangelização Solidária e Projetos Sociais, realizou em Belo Horizonte, de 6 a 9 de setembro de 2012, o Fórum Nacional da Vida Religiosa Consagrada Inserida.

A dinâmica do encontro foi dividida em três grandes eixos: o dia 7, por ser o dia da independência do Brasil, foi o “dia do grito”; o dia 8 foi o “dia do mutirão”; e, por fim, o dia 9 foi o dia do “retorno à Galileia”.

Na manhã do primeiro dia de trabalho, o Fórum foi assessorado pela Irmã Mercedes, que fez uma profunda exposição sobre o *Jesus histórico, rosto humano de Deus*. Segundo a Irmã Mercedes,

quando começa a anunciar o Reino de Deus, [Jesus] apaixonou-se por essa missão e já não impõe parâmetros, nem medida, à entrega da sua vida, até do seu tempo de alimentação e descanso à multidão empobrecida, desarticulada, abandonada pelos chefes religiosos e civis do seu tempo. Seus familiares se assustam: “Ficou louco!”. E tentam agarrá-lo (cf. Mc 3,20-21). Mas ele continua firme na sua itinerância entre aldeias e povoados (Lc 8,1-3).

Com sua terna compaixão, Jesus toca e inclui pessoas doentes, excluídas, fazendo-as experimentar a surpreendente presença de Deus (Mc 1,40-45). Mais dolorosa que a Hanseníase era a solidão.

Após exposição e com base na mesma, fez-se um momento de cochicho e em seguida foram socializadas as reações:

disputas de Igrejas, tornando o sagrado, o religioso, uma mercadoria; pensar a terra como agente de direito; CEBs; Pastoral da Juventude; algo novo está surgindo na juventude da Vida Religiosa; como denunciar as maldades quando quem patrocina a festa do “Círio de Nazaré” são grandes empresas responsáveis pela destruição das matas e dos nossos rios? Há sinais de um poder sagrado que privilegia o seu poder; é necessário sempre fazer escolhas; que escolhas estamos dispostas(os) a fazer e que preço estamos dispostas(os) a pagar?

Os grupos re etiram com base nas seguintes perguntas:

1. Ao resgatar o seguimento de Jesus como núcleo de sentido e identidade para a Vida Religiosa Consagrada, que tipo de relações e espiritualidade estamos nutrindo?
2. Essa espiritualidade ajuda-nos a perceber o *kairós* de Deus convocando-nos para cuidar e defender toda vida fragilizada, para que *todos tenham vida em plenitude* (cf. Jo 10,10), neste tempo de tanto desemprego, insegurança, violência, trá co de seres humanos, armas e drogas?

Na parte da tarde, a assessoria coube à Equipe de Re exão Missionária (ERM) da CRB, mediante as palestras da Irmã Agnes Costalunga e dos Padres Estevão Raschietti, mx, e Júlio Cesar, msf. As colocações tiveram como tema central o *Discipulado missionário, perspectivas e implicações para a vida e a missão da Vida Religiosa Consagrada hoje*.

A re exão partiu do pressuposto de que

o seguimento de Jesus Cristo exige conversão, e conversão aponta para a exigência de “deixar tudo”, uma ruptura com a vida anterior e uma entrega imediata a uma pessoa. “Deixar tudo” é partir; partir é missão.

“Vá, venda tudo o que tem ... Depois venha, e siga-me” (cf. Mt 19,21).

A Igreja surge realmente quando percebe que ela é para todos. Na travessia sempre acontece alguma coisa (tempestade...).

Pedro pescava em águas rasas, no aquário de casa; ir para águas mais profundas, no meio de gregos, povos diferentes; a Igreja

quase se perde no meio dos diferentes; o seguimento acontece quando ela percebe o alcance da sua missão.

Por sua vez, a missão pressupõe o discipulado como testemunho fundamental; somos enviados não como mestres, mas como aprendizes. Para se aproximar, o missionário deve deixar sua cultura, suas coisas, os conceitos, preconceitos e cosmovisões sobre os outros, sobre si mesmo, sobre Deus, seus afetos, relações, e partir.

Para esses dois assessores, o grande desafio da missão na Vida Religiosa Consagrada hoje está principalmente em fazer um trabalho do resgate da vida, mas também em recuperar o sentido do discipulado. Como está sendo nossa ação nesse lugar concreto onde estão as pessoas? O mero assistencialismo resolve? Quais são os maiores desafios?

Somos convocados a redescobrir nossa identidade no mundo enquanto Vida Religiosa, *a loucura que Deus escolheu para confundir o mundo* (cf. 1Cor 1,18), como nos recorda o Encontro Nacional de Vida Religiosa Consagrada de Itaici, em fevereiro deste ano.

Quem somos, afinal?

– Somos presença de Deus no meio do povo, sinal de esperança, presença missionária, pessoas humanas e frágeis (incoerências, medos, dificuldades, desencanto, cansaço), uma natureza essencialmente missionária, testemunhando até o extremo do martírio muitas vezes.

Onde estamos?

– Em diversas realidades, de norte a sul, nas fronteiras e periferias das grandes cidades, nos interiores do Brasil, em regiões de conflito.

Onde somos provocados a estar?

– Direitos humanos, presença nas periferias urbanas, meio ambiente, dependentes químicos, meios de comunicação, políticas públicas, tratamento de seres humanos.

Quais são os horizontes e as perspectivas?

– Intercongregacionalidade, interinstitucionalidade, interculturalidade, novas fronteiras, trabalho conjunto com

leigos e leigas, trabalhos em redes e parcerias, formação missionária permanente em todos os níveis.

O dia 8, “dia do mutirão”, começou com uma celebração dinamizada pela Equipe Itinerante (Manaus).

Como o dia era de mutirão, os participantes se distribuíram em três O cinas:

1. Vida Religiosa, Intercongregacionalidade e Missão, coordenada pela Irmã Márian Ambrosio;
2. Vida Religiosa, redes e parcerias, sob a coordenação da Irmã Eurides Oliveira; e
3. Vida Religiosa, situação de mobilidade, com a Irmã Maria Cristina Bove e equipe.

Vida Religiosa Consagrada, Intercongregacionalidade e Missão: experiências

Passos da Oficina

Quem já viveu ou está vivendo esta experiência?

O porquê da intercongregacionalidade: uma alternativa para resolver problemas, sobretudo de falta de pessoal, ou um valor em si? Intercongregacionalidade por paixão ou por mera necessidade?

Último passo da O cina: atuação num projeto missionário intercongregacional, paixão e atuação profético-missionária, na vivência comunitária transparecem todas as realidades pessoais e congregacionais. Há sinais de que nem sempre o envio de um Religioso ou de uma Religiosa dá certo devido à carga de situações humanas que interfere na convivência e, conseqüentemente, na missão.

O grupo expressou a necessidade de a Vida Religiosa Consagrada trabalhar a intercongregacionalidade a partir da Pastoral Vocacional e do processo formativo, para que seja vencida a fragmentação e a defesa de bandeiras ou projetos individuais. Partir para uma formação universal,

humanizada, comunitária, celebrar o realizado, o conquistado e continuar buscando, realizando.

Como pensar as comunidades intercongregacionais a partir da missão? Quando a Vida Religiosa Consagrada parará para pensar, concretizar uma VRC mais leve, mais apaixonada, mais alegre, mais encantada?

Vida Religiosa, redes e parcerias

Atuação Profético-Missionária de Fronteiras e nas Fronteiras

Os participantes relataram as experiências mais significativas:

1. Mobilização da sociedade civil, pastorais sociais e movimentos: CPT, MPP, CIME, Grito Serrado, Pastoral da Criança.
2. Redes: “Um Grito pela Vida”: Talita Kum; Justiça e Paz; Rede Franciscana; RENAP; Redes dos Povos Guaranis.
3. Políticas públicas: Fórum, conselhos, secretarias, Institutos (IMS).
4. Espaços de decisões: ONU.
5. Organismos eclesiais: CNBB, CRB.
6. Presença: periferias, assentamentos: Dandara, Irmã Dorothy.
7. Presença junto às mulheres prostitutas, população de ruas, migrantes, presidiários(as), Juventudes.
8. Fronteiras com os povos originários: indígenas, quilombolas, mineração, ribeirinhos.
9. Equipe Itinerante.

Destaques: intercongregacionalidade, redes e parcerias, trabalho com leigos(as), apoio das CRBs Regionais e Nacional, partilha de recursos humanos e financeiros, interinstitucionalidade.

Desafios: rotatividade dos(as) Religiosos(as), isolamento, dificuldade de itinerância, mudanças de paradigmas, formar redes e estabelecer parcerias.

Vida Religiosa, situação de mobilidade

Ninguém pode prender o sonho, impedir alguém de sonhar.

Compromissos: a Vida Religiosa Consagrada não pode perder o sonho; o sonho é que o Reino de Deus aconteça; ajudar a acontecer a paixão, a loucura, para não perder o foco da opção pelos mais pobres; agir mais articulado; a CRB deve formar equipes multidisciplinares para dar suporte à missão profética, pois há fragmentação e não se sabe a quem recorrer; di culdade de atuar por falta de preparação dos(as) Religiosos(as), investir na formação também das lideranças; o primeiro dever ético consiste em preservar em mim e nos outros a possibilidade de coexistir; não se pode fazer por alguém, o protagonismo é do povo e cabe à Vida Religiosa Consagrada essa possibilidade.

O que impede a Vida Religiosa Consagrada de responder aos desa os diante dos novos espaços missionários? Estilo monacal; clericalismo; falta: pessoal, esperança (sentimento de não estar sendo útil), reinterpretação dos carismas para responder aos novos desa os, trabalho em comum (parcerias, atenção às próprias vulnerabilidades); envelhecimento; formação insu ciente para novos tempos emergentes; sentimento de impotência e desencantamento diante das complexidades; di culdade de: encontrar a raiz dos problemas, diálogo com os leigos, sair do conforto que ainda prende por medo de desinstalar-se; preocupação excessiva com a Instituição; adesão fácil na mentalidade capitalista; a formação que não prepara os jovens para os desa os; impasses e limites da formação.

O que pode ajudar a Vida Religiosa Consagrada a enfrentar os empecilhos? Manter lâmpadas acesas, dizer à sociedade que é possível viver e ser feliz sem ser acumuladora, retomar o foco, formar para a fraternidade, somar parcerias, empurrar o tronco juntos, investir em relações humanas novas, disposição de perder e correr riscos em vista do que é essencial, beber da fonte – Mt 25, luzes para superação dos impedimentos.

No seu terceiro dia (9 de setembro, dia do “retorno à Galileia”), o Fórum teve início com uma oração animada pelas assessoras da CRB Nacional, tendo por base o texto de Mc

16,7 (“Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro: ‘Ele vos precede na Galileia; lá o vereis, como ele vos disse’”).

Que palavras expressam o que levaremos para as nossas Galileias?

Ousadia / esperança / paixão / avanço / compaixão / ide / missão / coração / coragem / fraternidade / atuação profético-missionária / escutar a realidade / seguimento / profecia?

A parte da manhã foi dedicada às sínteses dos(as) assessores(as) do Fórum Nacional. Irmã Mercedes Lopes assim se expressou:

É preciso olhar para Jesus de Nazaré, rosto humano de Deus, que fez arder nosso coração. Olhando para Jesus de Nazaré, que vive na intimidade com Deus, manter lâmpadas acesas.

A perspectiva é: capacitação/formação, re-exão, aprofundamento: formação continuada que dê suporte à missão profética. Construção de uma teologia da aliança que fundamente a intercongregacionalidade. Chegar a um grau de maturidade que permita a grandiosidade da comunhão. Uma formação que não prepara jovens para viverem os desafios da missão manifesta seus próprios impasses e limites.

Padre Estevão, por sua vez, resumiu desta maneira as suas colocações:

As nossas descidas nos levam à contextualidade; animar a vida; somos missionários(as) junto com as pessoas com as quais convivemos, mantemos relações; missão é um chamado para todos, católicos e não católicos. As periferias, os empobrecidos, as fronteiras mudam e nós temos que mudar para acompanhar essas mudanças; a missão continua com ou sem nós. Não devemos perder o protagonismo. Ação missionária e o discípulo que vai à frente. Protagonismo e formação para outros; talvez tenhamos que nos retirar para dar espaço a outros. Tem horas que precisamos sair. Nem sempre é sair do lugar, mas sim estudar, se formar para melhor ajudar. Fazemos nossa missão com a presença e sendo sinal. É impensável fazer missão como em

outros tempos, ou seja, como um desbravamento solitário. Hoje somos chamados a fazer com outros(as).

A Irmã Agnes Costalunga, da ERM, sintetizou as características da missão: o rosto feminino da missionariedade, leigos e leigas são sujeitos da missão. A maneira de viver a missão nasce da prática, da leveza, da maneira de viver de cada Congregação, não hierárquica, não piramidal. Missão local, mas articulada no âmbito universal.

Finalmente o Padre Júlio César, msf, apresentou o seu resumo: uma nova concepção de Vida Religiosa Consagrada, presença criativa e e caz.

Nesta época em que as relações entre o feminino e o masculino se dão em maior reciprocidade e acolhida das diferenças, o comunitário, como espaço interativo relacional, é o lugar da acolhida das subjetividades, espaço especial de convivência fraterna e sororal, sobretudo espaço de cultivo espiritual-relacional com o transcendente, o totalmente outro, a alteridade por excelência.

A vida comunitária focada na missão nos oferece intuições, perspectivas para pensar novas e in nitas possibilidades para o novo da Vida Consagrada. O(a) outro(a) sempre será um desa o na vivência comunitária. Pode-se pensar, ou quem sabe sonhar, com novas comunidades de homens e mulheres que desejam viver a radicalidade da vida batismal, assumindo, com as tensões e os con itos próprios da existência humana, a beleza do seguimento e a perspectiva do Reino.

Algumas propostas de encaminhamento

O Fórum Nacional Atuação Profético-Missionária da Vida Religiosa Consagrada despertou a necessidade de:

1. Proporcionar formação e capacitação das novas gerações de Religiosos(as) sobre os temas da missão, das fronteiras, do meio ambiente, da cosmovisão integrada, do diálogo interdisciplinar.

2. Realizar um mapeamento da realidade da atuação profético-missionária da Vida Religiosa Consagrada com relação aos direitos das pessoas em situação de vulnerabilidade social, mobilidade humana, redes e fronteiras, e experiências de intercongregacionalidade. Esse estudo servirá de fundamentação teórica visando a promoção de encontros, seminários para Superiores Maiores e pessoas envolvidas nessas experiências.

XI Encontro Interinstitucional da Equipe Itinerante da Amazônia

739

JOÃO GUTEMBERG, FMS*

O encontro aconteceu de 28 a 31 de agosto de 2012. Tivemos por cenário a casa Provincial dos Missionários da Consolata. Mas ali participaram pessoas vindas de diversas partes do Brasil, da Guiana, do Equador, da Venezuela. Outros países poderiam ser citados, porque as atividades dos que atuam na itinerância não se limitam a essas noções mais recentes e, quem sabe, artísticas, de delimitação territorial. Preferiu-se, portanto, adotar outras definições mais dinâmicas, criativas e plurais que caracterizam as “fronteiras nacionais” como lugar de encontro intercultural. Chamamo-las, pois, de interfronteiras ou, melhor ainda, *transfronteira*.

Partilharam-se, nesse contexto, aspectos, informações e vivências oriundas das regiões de encontro dos povos que transitam entre Brasil, Venezuela ou Guiana, Colômbia ou Peru e Bolívia. A *Cáritas* do Equador, integrante do mesmo bioma amazônico, se fez representar no encontro para ventilar possibilidade de maior intercâmbio pastoral, intercultural e de defesa da vida nessa Região comum.

Mas, afinal, quem são os(as) itinerantes? Falamos das equipes ou comunidades intercongregacionais ou interinstitucionais que se têm constituído na Amazônia desde há quatorze anos. Buscam estar presentes nos lugares e nas realidades humanas mais fragilizadas, distantes e esquecidas da Região. Privilegiam-se as realidades indígenas, ribeirinhas e os assim denominados marginalizados urbanos: assim como o rosto da Mãe Terra que nos convoca a termos com ela um elo de pertença inclusiva para com cada um(a) de seus filhos e filhas.

* Superior dos Maristas na Amazônia.

Existem, no momento, três núcleos dessa experiência: Manaus, Roraima com a intersecção da Guiana e Venezuela e Tabatinga, com sua tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru. Algumas experiências esporádicas de intercâmbio têm sido realizadas em outras “fronteiras” que aguardam a constituição de uma equipe mais permanente: Acre, com Peru e Bolívia, e lá onde se encontra o Brasil com a Venezuela e a Colômbia.

No entanto, não se pode contar um tão elevado número de pessoas dispostas a viverem um estilo de vida tão radicalmente despojado das benesses que a sociedade capitalista e urbana propaga. Para integrar uma dessas equipes ou comunidades, a pessoa necessita aderir a um chamado interior muito forte de despojamento, doação, disponibilidade, espiritualidade, integração afetiva, humanidade e consciência crítica. É o que vem sendo chamado de *itinerância interior*, um verdadeiro processo de conversão pessoal e de compromisso com a defesa da vida.

Nas três equipes itinerantes que essa turma mantém atualmente, participam em torno de quinze pessoas: Religiosos(as), sacerdotes, leigos(as). Muitas outras já participaram da experiência por um período mais ou menos longo, pretendendo-se que seja de ao menos quatro anos. A cada ano há os que completam o ciclo de sua disponibilidade de participação, enquanto outros(as) chegam para se integrarem na dinâmica. É-lhes oferecido um tempo inicial de estágio e de acompanhamento para que se decidam pela sua permanência e pelo tipo de atuação que lhes é mais conveniente.

Mas, como vem dito no Evangelho, *não se acende uma luz para escondê-la debaixo da cama. Ela deve brilhar de um lugar mais elevado para que muitos usufruam sua luz*. Assim sendo, em torno dos pequenos núcleos dos itinerantes há uma série de pessoas, Instituições e Congregações religiosas que participam do acompanhamento e da sustentação dessa experiência típica da Região Amazônica. Há os que enviam membros para integrar as equipes. Outros(as) dão apoio nanceiro, jurídico ou estrutural para garantir o mínimo necessário

para a vida e para a missão das pessoas e das equipes. Mas todos(as) participam do processo de reflexão em torno da experiência. Essa reflexão exige muita atenção aos sinais dos tempos, às novas descobertas humanas, culturais, espirituais e socioambientais que clamam por conhecimento, valorização e defesa, em um mundo tão cobiçado e explorado.

É dentro dessa dinâmica que se realiza, a cada mês de agosto, este Encontro Interinstitucional. O encontro é um tempo de avaliação, partilha, vivências, celebração e estudos de temas novos que desacomodam e dinamizam os que procuram olhar a realidade amazônica com o olhar dinâmico e contemplativo de Deus. Essa dinâmica também inclui o saber preservar o que há de melhor na natureza e na pluralidade da vida humana. Frutos também são colhidos para iluminar novos caminhos para a Vida Religiosa Consagrada, sacerdotal e laical, em suas específicas vocações.

No XI Encontro, éramos quarenta e oito pessoas do Brasil e de vários outros países fronteiriços, procurando aprender e discernir a profundidade dos saberes que essas experiências de vida tão simples nos vão oferecendo. Tempo de perscrutar os sentimentos, as intuições e os indicadores da vida e da missão que vai sendo assumida em favor da vida no planeta e de seus povos, valorizando os dons e denunciando seus riscos. Tempo de acompanhar os membros comprometidos com a experiência. Tempo de acolher novas vocações. Tempo de agradecer os que partem para outros lugares que o Espírito Criador de Deus lhes inspira. Foi o caso do amigo Padre Fernando Lopez, sj, que parte para um tempo de *aggiornamento* e de síntese, após quatorze anos de profícua presença com as equipes. A ele, um grande e profundo agradecimento, como também a Rai e a Arizete, que se retiraram no final do ano, levando uma rica vivência vida afora.

Benção da Itinerância

Que o *Deus Itinerante*:

Caminhe à tua frente para te guiar, te dar confiança, te mostrar o rumo e te dar esperança na utopia do Reino e sua Justiça!

Caminhe atrás de ti para te empurrar, te cutucar, te inquietar, te questionar!

Caminhe ao teu lado para te acompanhar, te alegrar e te fazer sentir sua presença!

Caminhe abaixo de ti para te sustentar, te fortalecer e te dar coragem, firmeza e segurança!

Caminhe sobre ti para te abençoar, te iluminar, te proteger e te defender!

Caminhe dentro de ti para te fazer sentir seu perdão, sua paz, sua liberdade, seu carinho e seu amor sem condições

O *Deus Itinerante*, que é Pai, Filho e Espírito Santo, te abençoe.

Amém!

Padre Paco Almenar, sj – Equipe Itinerante

Irmãs Contemplativas do Bom Pastor: cem anos de amor e doação

A Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, fundada por Santa Maria Eufrásia Pelletier, é um Instituto Religioso Apostólico, Internacional, de direito pontifício, aprovado pelo Papa Gregório XVI, em 16 de janeiro de 1835, em Angers, França. Tem suas origens na Ordem de Nossa Senhora da Caridade do Refúgio, fundada por São João Eudes em 1641.

Como Religiosas chamadas a uma missão de reconciliação, nós, Irmãs do Bom Pastor, exprimimos o nosso carisma de amor misericordioso através de uma vida apostólica e contemplativa. Unidas pelo mesmo carisma, comprometemo-nos a viver o Evangelho de Jesus Cristo no espírito da nossa Fundadora.

Presença no Brasil (1912-2012)

No dia 26 de julho de 1912, em Salvador da Bahia, quatro jovens deram início ao estilo de vida contemplativa da Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor.

Como contemplativas, somos chamadas a testemunhar a primazia absoluta de Deus e procuramos ser instrumentos de reconciliação e paz, através de uma vivência alegre dos elementos essenciais da vida contemplativa. Acompanhamos com nossas orações e apoio o apostolado da Congregação, a missão da Igreja, e rezamos pelo mundo inteiro.

Na celebração diária da Eucaristia, centro da nossa vida, na escuta da Palavra de Deus, luz para o caminho, somos fortalecidas e convocadas a testemunhar os valores do Evangelho

que questiona uma sociedade marcada pelo individualismo e consumismo desenfreado, que gera desigualdade e exclusão. Com Cristo Bom Pastor, entregamo-nos a uma fervorosa intercessão para que a beleza da imagem de Deus se revele em cada pessoa. Santa Maria Eufrásia, nossa Fundadora, nos recomenda: “Eis aqui, amadas Ihas, o exemplo que deveis imitar... Tenham em vós os pensamentos, sentimentos e afetos de Jesus Bom Pastor” (*Conf.* 6).

A experiência de sermos seduzidas por Cristo Bom Pastor nos leva a um pastoreio orante, fazendo-nos chegar a lugares e situações inimagináveis, gerando vida, justiça e solidariedade em interconexão com toda a Criação.

Reconhecendo a presença amorosa de Deus no decorrer desses cem anos, queremos agradecer a ele e renovar-lhe o nosso *sim*, na certeza de que ele continuará guiando esse rebanho enquanto for necessário e útil à humanidade. Queremos dizer às novas gerações, como nos disse Santa Maria Eufrásia em seus últimos momentos nesta terra: “Em vossas mãos entrego o Instituto”.

Rogamos a Jesus Bom Pastor e a Santa Maria Eufrásia que continuem fortalecendo-nos com suas bênçãos, luzes e graças, enviando-nos vocações para continuarmos nossa missão na Igreja, na Congregação e no Mundo.

Como Ihas de Santa Maria Eufrásia, queremos que arda em nosso coração a chama da gratidão por todos(as) que nos auxiliaram no decorrer desses cem anos. “A gratidão é a memória do coração.”

Obrigada, Senhor, Deus da vida!

Irmãs Contemplativas do Bom Pastor

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

Outro dia, aqui na sede nacional da CRB, numa das reuniões dos assessores e assessoras com a presidente, Irmã Márian Ambrosio, dp, conversávamos sobre a necessidade de instalarmos uma espécie de *sala da memória*, um espaço físico onde pudéssemos expor livros, apostilas, cartazes, vídeos, fotogra as, objetos diversos, em m, tudo aquilo que diz respeito à história da nossa Conferência, que já passou dos cinquenta anos, aliás. Expor, e não simplesmente estocar ou *entocar...*, como se este material fosse um traste qualquer. Expor signi ca colocar à disposição dos olhos (e também do coração, é claro...) das pessoas que visitam a nossa sede a memória histórica da caminhada que nos é comum.

A CRB possui uma grande coleção de “lembranças” representativas das diversas regiões e culturas, sobretudo brasileiras. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, de cocares indígenas a cuias de chimarrão, de todos os rincões brasileiros existe um pedacinho guardado em nossa sede em Brasília. Não se trata de um monte de coisas velhas, não! Cada uma dessas “lembranças” carrega o seu signi cado simbólico e traz à nossa memória momentos marcantes da história da Conferência. Essas lembranças também são, em grande parte, a memória viva da Vida Religiosa no Brasil. Sua trajetória repleta de alegrias e esperanças, apesar dos pesares, está presente nesta coleção.

Memória viva

Guardar a memória primeiramente em nome do passado, em respeito a esse passado, mas, principalmente, em respeito

* Padre Plutarco Almeida é jesuíta, jornalista e editor da revista *Convergência*. Blog: <plutarcoalmeida.blogspot.com>.

ao futuro. Antigamente só havia o recurso dos arquivos de museus, seus móveis enormes e pesados, suas estantes empoeiradas e, às vezes, cheias de mofo. Havia quase que um cheiro de morte nesses lugares, como se o passado não tivesse muito o que nos falar, o que nos ensinar agora. É certo que ambientes assim não encantavam muita gente, a não ser aquelas pessoas diretamente interessadas no assunto, os pesquisadores ou amantes de determinado tema. Além disso, muita coisa se deteriorava ou até mesmo se perdia, levando para o fosso do esquecimento grande parte da história da Instituição. Era como se respeitássemos o passado, mas privássemos o futuro de conhecê-lo. Mas o que fazer se não havia recursos tecnológicos adequados?

Hoje, a concepção de *conservação da memória* é bem diferente, graças a Deus. Não se pode mais olhar para um museu como se fosse algo estático, um valioso depósito de velharias que não serve para muita coisa. Pelo contrário, a memória presente no acervo que se conserva nestes locais é algo muito dinâmico porque é a memória viva, expressão sólida do que se viveu, de quem viveu e do como se viveu um determinado período histórico de uma Instituição. E tudo isso nada mais é do que a base, o alicerce sobre o qual a Instituição constrói o seu presente e projeta o seu futuro com mais segurança.

A sociedade da memória curta

O assunto, a meu ver, é importante por dois motivos, sobretudo. Em primeiro lugar, vivemos numa sociedade de memória curta. Aliás, curtíssima! Tal a rmação pode parecer contraditória, porque esta é a época dos HDs, dos tantos *gigas* de memória, dos *pendrives*, ou seja, da tecnologia sofisticada, capaz justamente de guardar com segurança milhões de informações de ontem e de hoje, para a eternidade se preciso for. Entretanto, a sociedade atual, por mais contraditório que isso possa parecer, é também a sociedade do provisório, do fugidio e do descartável. A tecnologia que conserva é a mesma que dilui.

Vejam, então, alguns exemplos que podem ilustrar a contradição dos dias atuais, ou seja, por um lado a imensa capacidade técnica que temos agora no sentido de armazenarmos ou de perenizarmos tudo, e do outro o espírito de uma cultura que enaltece fortemente o provisório.

Qual é a dinâmica própria das *redes sociais*? Tudo o que você *posta* hoje (*on-line*) no Facebook, por exemplo, amanhã talvez já não esteja por lá (*o -line*). Comentários, fotos, vídeos *curtidos* neste exato momento irão parar no lixo do esquecimento no momento seguinte, talvez. Quem guardou a mensagem guardou, quem não guardou, adeus! Até mesmo os nossos e-mails vão parar na lixeira em curto espaço de tempo. Bons tempos aqueles em que guardávamos maços de cartas amareladas no baú, e esta era a nossa memória viva. As doces (ou amargas...) recordações estavam sempre ali, ao alcance das nossas mãos. Mas isso acabou. O mundo gira velozmente, e a cada dia circulam livres, leves e soltas novas postagens, novas mensagens, novos saberes, novos sabores... (novos amores?). E assim a gente vai vivendo, surfando numa onda, depois noutra... no mar globalizado que nunca se acaba. Tem-se a impressão de que é mais ou menos como se fosse a *la* de qualquer *self-service*, onde não se pode demorar muito, a comida é pronta, e muda todo dia. Têm razão os jovens quando repetem o jargão *a la anda...* Anda, e anda rápido, muito rápido.

Outro exemplo: o termo *car*, tão comum entre os jovens para de *nir relacionamentos amorosos*, signi ca exatamente o contrário, isto é, “não *car*”, curtir rapidinho e dar o fora sem quaisquer intenções de compromissos duradouros... E os casamentos atuais, quanto tempo duram? Ousaríamos dizer: e as vocações atuais, quanto tempo resistem?

Do mesmo modo, vejamos a quantidade de *produtos* (e não só embalagens), descartáveis que temos no dia a dia. Às vezes, a pessoa nem chegou a consumir totalmente o que comprou (o pote de doce ainda está pela metade...) e já pensa em adquirir outra coisa no seu lugar. Ainda não acabou de pagar as prestações do celular e já está de olho

num modelo mais novo e mais moderno. É mais ou menos assim que funciona: comeu, usou, jogou fora! No máximo vai para a reciclagem, e aí já será uma outra coisa.

Outra coisa: alguém aí se lembra da geladeira da casa da vovó (o famoso elefante branco com um pinguim em cima)? Quantos anos ela durou? Quantas gerações da família usufruíram do mesmo bem? Em compensação, quantos anos pode durar uma geladeira comprada recentemente? Desconheço o que muito, muito pouco em relação ao capital investido pelo comprador. O mesmo vale para os automóveis e produtos novos em geral.

Tal é nossa cultura! Quando alguém pensa que conseguiu perenizar algo, doce ilusão: esse algo já não existe mais. Conclusão: não há lugar para nada que dure muito, ou, como dizia o poeta Vinícius de Moraes, “que seja eterno enquanto dure”...

Tudo isso, evidentemente, não acontece à toa. O que existe por detrás da cultura do provisório, do descartável, são os altos interesses econômicos de quem produz os bens e serviços de que precisamos (ou achamos que de fato precisamos) para viver.

E daí?

Apesar de vivermos nesta sociedade, com toda a sua contradição, ainda assim é possível conservar a memória. Eis a segunda razão que encontramos para valorizar o assunto trazido para a pauta da seção “Arte e Cultura” de dezembro. Porque vivemos numa sociedade de memória curta, que valoriza o provisório, o fugaz e o descartável, é preciso buscar formas criativas de conservação dinâmica do passado. Chamo de *conservação dinâmica* a conservação que é justamente o oposto de um conceito parecido com o museu de antigamente. Conservar significa organizar o acervo histórico e colocá-lo à disposição principalmente das pessoas que fazem parte da instituição a fim de que elas possam continuar a missão de construir a história de maneira mais inteligente e segura.

A sugestão agora é que as Congregações e Institutos de Vida Religiosa Consagrada que ainda não possuem uma *sala de memória*, ou algo semelhante, comecem a se preocupar com isto. Pode-se dar o pontapé inicial coletando fotos, vídeos, documentos, objetos diversos que talvez se encontrem espalhados por várias casas. Uma vez feita a coleta, é hora de catalogar e organizar todo o acervo recolhido. É bom que o local onde serão expostos esses materiais seja de fácil acesso, não só para os(as) Religiosos(as) da própria Congregação ou Instituto, mas também para as pessoas de fora. Que seja também um local agradável, com boa ventilação/iluminação, atraente para os olhos e mesmo capaz de mexer com o coração... Isso pode valer até como promoção vocacional, quem sabe?

Concluimos, então, mandando um recadinho para os(as) Superiores(as) de todas as Congregações e Institutos: não tenham vergonha de abrir os baús e mostrar o que vocês têm! Pelo contrário, divulguem com alegria o seu passado, vivam o presente baseados(as) no que já foi feito de bom, evitando a repetição dos mesmos erros, claro, e projetem o seu futuro na certeza de que ainda temos muito a oferecer. E o que oferecemos? Oferecemos Jesus e o seu Reino de justiça e de paz! Existe coisa melhor do que essa?

“Pedro então disse: ‘Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno,

O Concílio Vaticano II e a renovação da Vida Religiosa Consagrada

LUIZ CARLOS SUSIN, OFMCAP*

Ao celebrarmos meio século de abertura do Concílio Vaticano II, um olhar retrospectivo sobre a renovação da Vida Religiosa Consagrada (VRC), renovação estimulada pelo Concílio, é um excelente exercício para um olhar prospectivo: depois deste meio século de descobertas, surpresas, sobressaltos, aprofundamentos, inserção, inculturação, criatividade, onde estamos e para onde vamos? É em vista do futuro que vale a pena olhar o passado. Neste artigo lançaremos um olhar eclesiológico sobre a VRC desde o horizonte do Vaticano II e seu futuro.

A cinquenta anos do Concílio: o conflito de interpretações

Algumas perguntas ajudam a entender o coração do conflito de interpretação do Concílio: teria a geração pós-conciliar abusado do *espírito* do Concílio, usando sua autoridade para ir além das intenções e do magistério do Concílio? Ou teria a minoria conservadora e curial do Concílio ganho tal autoridade que acabou por boicotar a reforma conciliar? De qualquer forma, o Concílio já se esgotou ou está ainda pendente em seu dinamismo reformador?

É bom lembrar: conforme a convocação de João XXIII e a convicção da grande maioria dos *padres conciliares*, o Concílio se caracterizou pela *pastoralidade*, pela *atualização* (*aggiornamento*) e pela *volta às fontes*, como recurso de atualização. Paulo VI, ao inaugurar a Segunda Sessão, acrescentou o objetivo de apresentar em grandes linhas o estado atual

* Professor permanente e pesquisador do programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, de Porto Alegre, membro do Comitê de Redação da Revista Internacional de Teologia Conciliar, membro da Equipe de Redação Teológica da CRB. **Endereço do autor:** PUCRS, Av. Ipiranga, 6681, Partenon, 90619-900, Porto Alegre, RS. Tel.: (51) 3320-3518.

da teologia católica. E, no final, ao encerrar o Concílio, depois do último trabalho, que foi a aprovação da constituição pastoral *Gaudium et Spes*, Paulo VI afirmava que o Concílio deu um testemunho de humanismo para o mundo contemporâneo, lembrando que o ser humano se conhece quando conhece Deus em Cristo, e que também o inverso é verdadeiro: conhecer verdadeiramente o ser humano é conhecer Deus. Esta *dialética* entre o conhecimento do humano e o conhecimento de Deus pode ser o eixo dos esforços de busca e renovação pós-conciliares. A ajuda das ciências humanas e uma percepção mais *humana* da Igreja e, dentro dela, da VRC é um bom fruto do Concílio.

O atual conjunto de interpretações provém de uma delicada conjuntura: depois de cinquenta anos, quando a maioria dos padres conciliares já fez sua páscoa para o concílio celeste, nós não temos apenas uma geração pós-conciliar – aqueles que eram jovens e crianças no tempo do Concílio –, mas temos também uma geração *não conciliar*, que escuta ou lê algo do Concílio como se lê algo da Primeira Guerra Mundial, um fato do passado anterior ao nosso nascimento. Qual é o impacto de um acontecimento tão existencial e tão global na vida de jovens desta geração? O que significou o espírito de reforma, de aprofundamento, que o Concílio promoveu desde seu primeiro documento, a *Sacrosanctum Concilium*? O primeiro capítulo desse primeiro documento apresenta princípios para a *reforma* litúrgica. Qual a recepção desta geração *não conciliar* em confronto com a recepção dos próprios padres conciliares que assinaram, em número de quinhentos, o *Pacto das Catacumbas*, germen da recepção de Medellín e da opção preferencial pelos pobres, da simplicidade e serviço da vida cristã?

Bento XVI preocupou-se com a minoria insistente na volta à liturgia tridentina. E a liturgia, na história da Igreja, sempre foi palco simbólico de posturas mais gerais dos cristãos na Igreja. O que se pode observar é que essa minoria é uma composição curiosa: ao mesmo tempo que recupera aquela minoria representada pelo *Coetus Internationalis Patrum* (Grupo Internacional de Padres conciliares) e que defendia

a posição tridentina da Igreja, fascina também certo número de jovens cristãos, “jovens conservadores”, segundo alguns assumidamente conservadores em seus blogs e sites na internet. Durante o Concílio, o Cardeal Ottaviani, então prefeito da Suprema Congregação do Santo Ofício, hoje Congregação para a Doutrina da Fé, era a gura por excelência do combate contra mudanças na Igreja. A nal, seu lema episcopal era *Semper Idem* (Sempre o Mesmo), referindo-se, em primeiro lugar, a Deus, à sua imutabilidade eterna. Ora, a Igreja que o representa neste mundo também deve ser *semper idem*, não pode mudar. Suas razões, portanto, eram de ordem metafísica. É necessário compreender o escrúpulo com que os *padres conservadores* lutaram por manter a Igreja sem mudanças. Mas a atual geração jovem e conservadora que compõe certo número de leigos, seminaristas, padres jovens e candidatos à VRC não parece ter razões metafísicas. Mesmo o grupo de jovens que a rma querer salvar a liturgia e querer voltar à liturgia que *sempre foi e sempre será* na verdade revela um enorme déficit de consciência histórica, o primeiro nível para uma consciência discernidora e crítica no melhor sentido. Esses jovens são lhos da Pós-Modernidade utuante e vaporosa, que gera instabilidade e insegurança, perda de convicções sólidas pelas quais valha a pena viver e se dedicar com perseverança. Eles estão, na verdade, reagindo a essa situação contemporânea da cultura ocidental, buscando uma plataforma rme, que sonham em encontrar *no passado*.

No Brasil, alguns líderes da reação que beira ser anticonciliar em pontos importantes chegaram a propor um movimento para trás chamado *Menos cem*: retornar em cem anos o caminho da Igreja, ou seja, voltar aos tempos em que se desencadeou o movimento *antimodernista* no início do século passado. Voltar à roda da história em cem anos é um sonho de doido: seria necessário cancelar blogs, internet, celular, computadores, televisão, aviões, e até restringir carros, pois a maioria do clero andava no lombo de mula há cem anos. Claro que não é disso que se trata, pois esse pessoal utiliza abundantemente as novas tecnologias. Trata-se

do coração da Igreja: a liturgia, o Direito, a interpretação da Escritura, o Magistério, e mesmo algo que não é bem o coração, a roupa eclesiástica.¹ Essa discrepância entre os meios modernos e a Modernidade como tal cria uma situação estrutural de hipocrisia, ou ao menos bastante bizarra. Por que tal tendência esquizofrênica?

A mudança de paradigma: mudança de época

Reina, talvez, confusão e falta de discernimento a respeito dos acontecimentos da década de 1960, a década do Concílio. Por um lado, na análise de Eric Hobsbawm em *A era dos extremos*, foi a *década dourada*, entre as décadas de terremoto das guerras e seus horrores e as décadas de desmoronamento com crises econômicas e desmoronamentos políticos que se seguiram. Na década de 1960 se retomava o otimista mito do progresso e da invenção, até a chegada à lua. O Concílio, porém, começando pelo espírito positivo de João XXIII, ao mesmo tempo que aprecia os valores da Modernidade faz um discernimento de seus limites e interrogações, que se encontram, sobretudo, na *Gaudium et Spes*. Não é um otimismo ingênuo.

O otimismo do progresso da Modernidade repercutiu no Brasil, na década de 1960, com o *milagre brasileiro*: feito de obras faraônicas nas estradas, em Itaipu etc., encobria as violações da ditadura militar. No entanto, o ano de 1968 se tornou um ano emblemático, feito de protestos de estudantes, operários, jovens, artistas, libertários, uma verdadeira revolução contracultural. Foram as *primaveras* de Paris, de Praga, de Woodstock que repercutiram imediatamente entre nós também. É o ano que sinaliza fortemente a entrada na Pós-Modernidade, esse tempo de arte colorida e sem formas, de músicas e imagens anestésiantes e de *proibido proibir*. O Concílio, recém-terminado, estava sendo interpretado; as reformas tomavam seu curso, e a principal recepção do Concílio se deu na América Latina, em Medellín, a *nossa primavera* com seu chamado à

1. Embora em alguns meios a volta ao “hábito” tenha menos o sentido jurídico e uniforme de antes e mais o sentido simbólico, litúrgico e de pertença. Mas não parece ser o caso do *clergyman*, que tem um sentido de classe.

realidade latino-americana e à simplicidade, ao despojamento e à missão no meio do povo pobre em busca de justiça e liberdade. Ora, tudo isso se deu na mesma época, e a falta de discernimento está num discurso lefreviano que serve de exemplo: *Chega de Concílio, chega de 1968* – como se fossem um mesmo evento! E toda essa reação de jovens conservadores, com a falta de consciência histórica típica da Pós-Modernidade, acaba em algo semelhante, buscando uma nova pertença forte de caráter jurídico, canônico, ritual, às vezes, também poder autoritário, sem renunciar às tecnologias do progresso da Modernidade e ao clima de Pós-Modernidade que garantem autonomia, estética, comunicação e benesses de consumo – uma mistura e uma colagem realmente *barroca!*

A demora nesta análise se deve ao fato de que parece um contrapé que surpreendeu os que experimentaram o Concílio como um acontecimento renovador em direção a uma missão e presença atualizada no mundo contemporâneo e em direção às fontes bíblicas e patrísticas da Igreja. Depois de cinquenta anos, ca ainda mais claro que o Concílio não foi apenas o maior acontecimento eclesial do século XX, mas de todos os tempos modernos, desde o Concílio de Trento. O paradigma eclesial que se criou, depois de Trento, pode ser bem chamado de contrarreformista e barroco. O Vaticano I, no século XIX, foi um reforço daquele paradigma. Mas o Vaticano II criou novas pontes com as origens bíblicas e patrísticas da Igreja, com os cristãos de outras comunidades eclesiais, com as religiões, com os legítimos anseios dos tempos modernos, os Direitos humanos, o ecumenismo, o respeito à autonomia da consciência, numa visão pastoral realmente evangelizadora – portadora essencialmente de *boa notícia*.

O problema que nem o Concílio previu inteiramente, cujo emblema é o ano de 1968, foi a queda do *paradigma* moderno com seus grandes sistemas ideológicos e políticos, e a entrada da confusão típica da Pós-Modernidade, uma “ruptura” muito mais profunda entre fé cristã e cultura, sublinhada dramaticamente por Paulo VI na exortação

apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 1975. Não se pode atribuir tal ruptura, na Igreja, ao Concílio – algo similar ao que se passa com a Teologia da Libertação em relação aos problemas da Igreja em nosso continente, que é usada como saco de pancada pelos blogs conservadores –, pois o Concílio buscou ser ponte e não ruptura. Mas os meios eclesiais também acabaram afetados pela tensão e pelas rupturas culturais desse tempo.

Quando cai um paradigma, não é apenas uma questão de pequenas mudanças. Em seu bojo, dolorosamente, vai se gestando um novo paradigma, mas a passagem de um a outro é dramática: no lusco-fusco demorado, sem se poder distinguir se é lusco-fusco de aurora ou crepúsculo, podem surgir monstros! Já se disse muitas vezes: não se trata de uma época de mudanças, mas de uma mudança de época. São necessários odres novos para vinho novo, novas formas de conhecer, novas posturas, um novo olhar para identificar o que há de novo. Pode-se verificar esta revolução paradigmática nas ciências do século XX, e na conseqüente tecnologia. Na queda de paradigma o conhecimento antigo volta a zero, perde capacidade. É necessário se alfabetizar novamente. Isso se chama *ruptura epistemológica*. Assim, se diante de um computador estão sentados pai e filho, provavelmente o filho está ensinando ao pai, ou a melhor hipótese é que os dois estejam aprendendo juntos.

Se a queda de paradigma afetou a Igreja? Repentinamente, não tínhamos mais livros atuais para consultar em nossas bibliotecas, nem livros de oração em bom vernáculo, nem cantos adequados para uma liturgia que exigia novas palavras, nem mesmo hábitos que nos vestissem adequadamente, e mais: nem sabíamos como nos dirigir em público ou nas relações de autoridade e obediência, nem mesmo sabíamos mais o valor das normas que até então tinham funcionado etc. Como em mudança de casa, estávamos no meio do caminho, sem a casa antiga em pé e sem a casa nova pronta. A juventude da VRC pós-conciliar, na esperança de uma primavera na Igreja, lutou no descampado por aquilo em que acreditou.

Em termos eclesiais, tratou-se de superar o paradigma tridentino, em que a Igreja era de nida como sociedade visível, perfeita e imutável, jurídica e hierárquica, para compreender a Igreja como *mistério* – sinal bíblico de salvação à humanidade, povo de Deus com carismas e ministérios, todos convidados em seu ministério próprio ao exercício do tríplice múnus: sacerdotal, profético e pastoral. Este realmente foi o desa o maior do Vaticano II: superar um modelo relativamente recente, mas enrijecido, de quatro séculos, por um modelo originário, bíblico e salví co, portanto uma volta à grande *Tradição* superando o tradicionalismo congelado dos últimos tempos e a passividade dos cristãos diante dos seus pastores.²

Há cinquenta anos estamos melhores? Não sabemos direito, mas sabemos que, quando as paredes se desconjuntam, é necessário descer aos fundamentos, e para isso o Concílio nos deu o caminho. Vejamos, para a VRC, nos itens seguintes.

O lugar da Vida Religiosa Consagrada na Igreja

O esquema *De Ecclesia* levado ao Concílio e rejeitado pelos bispos previa um tratado simples sobre a Igreja, reduzido a três pontos: 1. A Hierarquia; 2. Os Religiosos; 3. Os Leigos. Com muita discussão e estudo, recorrendo aos peritos, nasceu o atual documento *Lumen Gentium*. Uma das di culdades para chegar a ele, entre outras, foi o lugar da VRC. Depois de de nir a Igreja com linguagem bíblica de mistério e sacramento de salvação e unidade de todo o gênero humano – o que alguns bispos e peritos tinham em comum com a Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, acontecida em 1962 em Nova Délhi –, uma novidade foi a prioridade do *Povo de Deus*, riqueza trazida ao Concílio pela teologia alemã. Somente então se de niriam, no interior do Povo de Deus, as especi cidades de hierarquia, religiosos e leigos. Em termos de hierarquia, deu-se um tratamento especial ao colegiado episcopal. Logo depois, em termos de

2. Em termos de “coragem para mudar”, pode-se, ainda, conferir este parágrafo da primeira carta encíclica de Paulo VI, sobre a recepção do Concílio antes ainda de seu término, ao insistir numa tomada de consciência e na disposição à renovação e ao diálogo em todos os sentidos: “O dito não signi ca que seja intenção nossa ver a perfeição na imobilidade dessas formas que a Igreja foi revestindo através dos séculos; ou julgar que ela consiste em tornarmos refratários a qualquer aproximação nossa às formas hoje comuns e aceitáveis nos

leigos, ganhou-se uma boa teologia do Batismo e do Crisma. Mas os religiosos não vieram nem antes nem depois dos leigos. Somente depois de tratar da vocação de todos – leigos, hierarquia e religiosos – à santidade, portanto um chamado universal e multiforme à santidade, se encontrou naturalmente um lugar para os religiosos. Convém lembrar duas afirmações do capítulo VI da *Lumen Gentium*:

Do ponto de vista da estrutura divina e hierárquica da Igreja, tal estado não constitui um estado intermediário entre o clerical e o laical. Mas de ambos são chamados alguns – eís por Deus a fim de desfrutar desse peculiar dom na vida da Igreja, procurando cada qual a seu modo ser útil à sua missão salvífica (cf. LG, n. 43. O grifo é nosso).

E o que há de peculiar? Vejamos: “Portanto, o estado constituído pela profissão dos conselhos evangélicos, embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está, contudo, intimamente relacionado com a sua vida e santidade” (cf. LG, n. 44. O grifo é nosso).

Portanto, a VRC se define e se distingue por aquilo que é o coração da Igreja, também de leigos e hierarquia: a santidade que se cumpre na vida e na missão da Igreja. Parece dar voltas numa tautologia: o que distingue é o que relaciona; e o próprio é o que é comum a todos: a santidade, a vida, a missão. Se examinarmos a exortação apostólica de Paulo VI *Evangelica Testificatio*, de 1971, uma exortação específica, para a renovação da VRC, na linha da encíclica *Ecclesiam Suam*, de 1964, que encoraja a Igreja à renovação conciliar, mediante uma tomada de consciência, disposição à renovação e ao diálogo, e também, se examinarmos a exortação apostólica pós-sinodal de João Paulo II *Vita Consecrata*, de 1996, podemos constatar este dado mais do que curioso, realmente significativo: o que se diz da VRC, desde então até hoje, se pode dizer de toda a Igreja e vice-versa. Aquilo que é a essência da Igreja, sua missão, sua vida, seu testemunho de santidade, se diz da VRC, acrescentando nesta as formas estáveis de vida em comum, de oração, de apostolado etc. Trata-se, portanto, de um modo de ser Igreja.

costumes e na indole do nosso tempo. A palavra, hoje famosa, do nosso venerado predecessor João XXIII de feliz memória, a palavra ‘atualização’, sempre a teremos presente como orientação programática; confrmamo-la como critério diretivo do Concílio Ecumênico e continuaremos a recordá-la como estímulo à vitalidade sempre renascente da Igreja, à sua capacidade sempre atenta a descobrir os sinais dos tempos, e à sua agilidade sempre juvenil de sempre e em toda a parte ‘tudo provar e de tomar para si o que é bom’” (ITs 5,21) (*Ecclesiam Suam*, n. 27).

Já a exortação pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi*, de 1975, elogia e indica a missão da VRC nas áreas de fronteiras missionárias. O texto é um longo, elogioso e belo respiro, o mais elogioso do magistério dos últimos tempos:

Os religiosos, por sua vez, têm na sua vida consagrada um meio privilegiado de evangelização e faz. Pelo mais profundo do seu ser, eles situam-se de fato no dinamismo da Igreja, sequiosa do Absoluto de Deus e chamada à santidade. É dessa santidade que dão testemunho. Eles encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças. Eles são, em si, pela sua mesma vida, sinal de uma total disponibilidade para Deus, para a Igreja e para os irmãos. E em tudo isto, portanto, têm os religiosos uma importância especial no quadro de testemunho que, conforme frisamos em precedência, é primordial na evangelização.

Este seu testemunho silencioso, de pobreza e de despojamento, de pureza e de transparência, de entrega para a obediência, pode tornar-se, ao mesmo tempo que uma interpelação para o mundo e para a própria Igreja, uma pregação eloquente, capaz de tocar o coração mesmo dos não cristãos de boa vontade, sensíveis a certos valores.

Com uma tal perspectiva, fácil se torna adivinhar o papel desempenhado na evangelização pelos religiosos e pelas religiosas consagradas à oração, ao silêncio, à penitência e o sacrifício. Outros religiosos, em grande número, dedicam-se diretamente ao anúncio de Cristo. A sua ação missionária dependerá, evidentemente, da hierarquia e deve ser coordenada com a pastoral que a mesma hierarquia deseja pôr em prática. Mas, quem é que não avalia a imensa quota-parte com que eles têm contribuído e continuam a contribuir para a evangelização? Graças à sua consagração religiosa, eles são, por excelência, voluntários e livres para deixar tudo e ir anunciar o Evangelho até as extremidades da terra. Eles são empreendedores, e o seu apostolado é muitas vezes marcado por uma originalidade e por uma feição própria, que lhes granjeiam forçosamente admiração. Depois, eles são generosos: *encontram-se com frequência nos postos de vanguarda da missão e a arrostar com os maiores perigos para a sua saúde e para a sua*

própria vida. Sim, verdadeiramente a Igreja deve-lhes muito! (EN, n. 69. O grifo é nosso).

Assim, em conclusão, como o caso de Maria, que só depois de muito debate encontrou seu lugar conciliar no coroamento da *Lumen Gentium*, como gura da Igreja e, portanto, um critério para todos os modos de ser Igreja, de alguma forma se deve dizer o mesmo da VRC, segundo o Concílio e o magistério pós-conciliar. Fim de uma era demasiado jurídico-canônica e começo de uma era bíblica, eclesial e evangelizadora da VRC. O documento conciliar *Perfectae Caritatis*, aprovado depois da *Lumen Gentium*, orienta a reforma global da VRC, assim como a *Sacrosanctum Concilium* encaminhou uma reforma global da liturgia. Enquanto a volta às fontes, ao carisma da fundação, e a atualização segundo a missão garantiam o essencial, todas as expressões e meios, linguagens da VRC, deveriam encontrar sua renovação, justamente na linha do discurso inaugural de João XXIII: que a essência permanente se expresse nas formas atualizadas e comunicáveis de nosso tempo.

Testemunho no coração e na margem da Igreja e da sociedade

A VRC pós-conciliar acumulou uma verdadeira “nuvem de testemunhas” (Hb 12,1) na missão, nas áreas de fronteira, no trabalho evangelizador criativo, nos perigos, no martírio. Não sendo parte da hierarquia, e por sua paradoxal estruturação, como reconheceu Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, já citada, ela tem um lugar de liberdade e de criatividade, de livre trânsito motivado pelas fontes e pela evangelização. Mesmo em sua estrutura essa liberdade se torna profética para a Igreja:

- a. Em termos de espiritualidade, veio se centrando numa relação íntima entre Palavra e Vida, superando, assim, o devocionalismo disperso, que frequentemente confundia a espiritualidade com infantilismo e angústias

psicológicas diante de práticas arcaicas. Tais práticas apelavam para uma imaginação religiosa que se voltava para o “tremendo e fascinante” da antropologia religiosa. E encobriam a forma religiosa tipicamente cristã, que é livre de medo e sedução e abuso espiritual. A espiritualidade bíblica, evangélica, pela Leitura Orante, não para de crescer vigorosamente.

- b. Em termos de missão, a condição “encarnada” do seguimento de Jesus levou a VRC a uma maior inserção no meio do Povo de Deus. As pequenas comunidades missionárias, em diferentes situações com diferentes serviços, são um dos grandes frutos desse caminho pós-conciliar. As grandes instituições que deram muito fruto no projeto missionário romanizante dos séculos XIX e XX pré-conciliar se reduziram, mas dão sinal de que continuarão com algumas instituições-chave do carisma. No entanto, a novidade se dá através de uma visão mais originária e adaptada de missão, que inclui profissionalização e trabalho nas instituições sociais de nosso tempo. As comunidades *de fronteira*, na margem e nos interstícios da sociedade e da própria Igreja, em condições de presença precária ou ausência das estruturas da Igreja, em situações de violência, abandono e sofrimento, constituem o *coração na margem*, um paradoxo típico de uma fé cristã que tem o escândalo da *kénosis* como prova de sua autenticidade. Comunidades como a da mártir Irmã Dorothy Stang se multiplicaram com um profundo e eficaz testemunho evangelizador.
- c. Em termos de estrutura comunitária, a VRC é livre para um exercício colegiado simplesmente *invejável*. Mesmo que no passado tenha seguido mimeticamente a hierarquia e a centralização, ela pode ser *conciliar* na sua autoridade e nas suas estruturas. Uma das palavras de ordem do Concílio, diante da multissecular passividade dos leigos, foi *participação ativa*. Se a hierarquia parece ser um limite para o colegiado de toda a Igreja, a VRC não precisa de limites, dentro dela mesma, e pode superar o mimetismo do passado, através do exercício da

participação colegiada de forma ampla, intensa e criativa. É isso redundante em maturidade nas relações e nas responsabilidades, e um testemunho para toda a Igreja, mesmo para a hierarquia.

- d. No atual momento de percepção de uma imagem *falível* da Igreja, depois de escândalos e abusos de diversas ordens tornados públicos, a VRC está apta e pode ser a primeira a assumir a condição de fragilidade e vulnerabilidade eclesial, como *oportunidade* de aprofundar seu modo de estar no mundo, junto com os mais feridos e vulneráveis, de tal forma que a ferida da Igreja se torne fonte de cura para todos: *pois todos pecaram, todos precisam de salvação*, segundo Rm 2 e 3. Nunca foi tão oportuna para a Igreja a opção preferencial pelos pobres, a compaixão e a inserção de Religiosos e hierarquia no Povo de Deus, povo humilde de carne e osso, como queria a *Lumen Gentium*.
- e. Em m, num mundo pluralista, a VRC pode ajudar a indicar o futuro da Igreja e da fé cristã como tal: um testemunho discreto pelo modo de vida sóbrio e amante da humanidade, por palavras da fonte e por obras de compaixão e solidariedade. Isso basta. É a pérola do Reino de Deus no vasto campo do mundo. O resto é acréscimo, alguns bem vindos e outros a serem julgados em sua oportunidade ou não, conforme ajudam ou não a cumprir o essencial.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quando cai um paradigma, não é apenas uma questão de pequenas mudanças. Em seu bojo, dolorosamente, vai se gestando um novo paradigma. De que forma experimentamos isso em nossa Congregação ou Instituto?
2. A VRC se define e se distingue por aquilo que é o coração da Igreja, também de leigos e hierarquia: a *santidade* que se cumpre na *vida* e na *missão* da Igreja. Estamos dando ao mundo de hoje um verdadeiro testemunho de santidade?
3. Em termos de missão, a condição “encarnada” do seguimento de Jesus levou a VRC a uma maior inserção no meio do Povo de Deus. Quais as razões de um certo desânimo com relação a isso atualmente?

A Vida Religiosa e a Palavra de Deus, à luz da *Dei Verbum*

763

JOHAN KONINGS, SJ*

Versaremos aqui sobre a *Dei Verbum* e a Vida Religiosa, por ocasião dos cinquenta anos do Concílio Vaticano II, sem esquecer a releitura da *Dei Verbum* na exortação apostólica *Verbum Domini*, do Papa Bento XVI, fruto da XII Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, realizada em 2008.¹

Antes de entrar no assunto específico, porém, gostaria de fazer quatro considerações:

Primeiro: a Vida Religiosa deve ser uma Palavra de Deus. A Vida Religiosa Consagrada é um sinal, portanto uma espécie de linguagem. Deve falar de Deus. Mesmo no silêncio – digam-no os cartuchos, os cistercienses...

Segundo: o próprio Religioso deve ser Palavra de Deus. O que o Religioso ou a Religiosa diz e, sobretudo, o que faz deve falar de Deus – do Deus de Jesus Cristo, para o mundo. Não só a VRC como Instituto, como comunidade, mas a própria pessoa deve encarnar esse sinal que é a Vida Religiosa. Seja madre-geral, seja irmão de cozinha, deve apontar para a manifestação do amor humano de Deus e da doação total de seu Filho Jesus.

Terceiro: ninguém pode dar o que não recebeu. A Bíblia conta, na primeira página, a criação do universo, não para ensinar uma teoria científica, mas para dizer que tudo o que somos e temos é dom de Deus, dom da graça. Por isso dizemos que os Religiosos não podem transmitir nada, nem ser um sinal de Deus, se não recebem, se não escutam, se não deixam Deus falar. Se não cedem a palavra a Deus, mas se

* Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina, ligado ao Colégio para a América Latina (Fidei Donum). Professor na FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte.

1. Cf. KONINGS, J. O Sínodo da Palavra de Deus. *Convergência (Rio de Janeiro)*, v. 44, n. 418, p. 17-33, 2009.

enchem de seus próprios discursos, serão, paradoxalmente, sinais mudos, desligados.

Quarto: *De graça recebestes, de graça deveis dar!*, diz Jesus, ao enviar seus discípulos (Mt 10,8). A transmissão é gratuita, *canal aberto*. Paulo anuncia de graça (1Cor 9,18). A gratuidade, na Vida Religiosa, tanto pessoal como comunitária, é um sinal de Deus, que amou primeiro (cf. 1Jo 4,10).

Os sinais do tempo e o Concílio Vaticano II (1962-1965)

Para falar do Concílio Vaticano II e, de modo especial, do tema da Palavra de Deus à luz deste Concílio, é indispensável uma recuperação da memória. Até porque as gerações novas, muitas vezes, não sabem por que os bispos de então tanto se empenharam, e quanto esforço externo e renovação interna custaram os avanços alcançados nesse evento que, pelo Papa João XXIII, foi qualificado como *aggiornamento, pôr em dia* a Igreja.

Os que fazem questão de desconhecer esse Concílio, os que gostam de ressuscitar o triunfalismo e os enfeites pré-conciliares, exibindo ocasionalmente um péssimo latim de sacristia, não sabem quanta riqueza põem a perder. Consideram-se homens da tradição, mas desconhecem a verdadeira Tradição, que é a transmissão da fé viva, atenta aos sinais do tempo e às perguntas do homem e da mulher de hoje. O verdadeiro senso histórico, infelizmente banido daquilo que se chama de cultura atual, não consiste em desenterrar coisas do arco-da-velha, mas em olhar o passado no retrovisor para ir para frente com mais segurança e lucidez.

Voltemos, pois, até o longo e complexo pontilhado de Pio XII, que coincidiu com a Segunda Guerra Mundial e a reconstrução da Europa ocidental, tempo em que se aprofundou o contato com a Europa oriental (a União Soviética e satélites), conhecido como a *Guerra Fria*. A Segunda Guerra Mundial explodiu num tempo em que reinava um pensamento de direita, não só nos países abertamente fascistas, como a Alemanha, a Itália, o Japão, a Espanha e

Portugal, mas também nas democracias que saíam vencedoras, como os Estados Unidos, a França, a Grã-Bretanha... e o próprio Brasil de Getúlio Vargas. A reconstrução da Europa ocidental, depois da Guerra, a partir de 1945, recorreu a esse mesmo pensamento, embora moderado pelos acontecimentos e tomando a forma da democracia social, na Itália, na França, na Alemanha... Para reerguer a economia, era necessário disciplina – veja o *milagre econômico* da Alemanha ocidental reconstruída! –, bem como sólidas instituições políticas e sociais, o ensino, a vida cultural e todas as demais demandas da *sociedade do bem-estar*.

O mundo encontrava-se diante de muitas, e novas, questões. A Guerra Mundial havia ampliado o horizonte. Tomou-se consciência de que existiam povos na Ásia, na América Latina. Marcou época a luta pacífica de Gandhi pela independência da Índia. Seguiram-se as lutas de emancipação nas Filipinas, na Indonésia, na África, o êxito da revolução cubana em 1959... Sinais dos tempos!

Sinal dos tempos era, ainda, a mudança no mundo intelectual: a crescente influência do existencialismo e do marxismo. E no mundo cultural, uma liberalização dos costumes, causada pelo progresso econômico e tecnológico (a televisão), bem como pelo *american way of life*.

Também para o pensamento eclesial surgiram *sinais dos tempos*, até mesmo com ares de tempestade... Houve as crises em torno das questões científicas, Teilhard de Chardin... Tinham sido suspensos da docência os *novos teólogos*, os que não repetiam simplesmente a neoescolástica (De Lubac, Congar, Chenu...), enquanto outros continuavam apresentando novas maneiras de interpretar o legado cristão (Von Balthasar, Rahner, Schillebeeckx, Ratzinger...): e todos esses seriam os teólogos do Concílio Vaticano II!

Por esse tempo chegaram à maturidade os movimentos bíblico, litúrgico e ecumênico, enquanto a atuação dos leigos, nas diversas ramificações da Ação Católica, de uma posição de defesa católica, evoluíra para o engajamento transformador na sociedade. Assim, por exemplo, a Juventude Operária Católica (JOC), com Joseph Cardijn, a Juventude

Estudantil Católica (JEC) e a Juventude Universitária Católica (JUC), atingindo presença expressiva também na América Latina.

Muitos Religiosos e Religiosas, naqueles anos, viram questionada a sua missão. Quem se dedicava ao trabalho missionário, nas regiões chamadas ultramarinas, subdesenvolvidas, *Terceiro Mundo*, viu seu trabalho humanitário, educacional e social encampado pelas ex-colônias recém-emancipadas, muitas vezes com grande perda quanto à infraestrutura e ao modo operacional que haviam implantado. Por outro lado, as Igrejas do Terceiro Mundo pareciam crescer de maneira inesperada, andando com as suas próprias pernas, ainda que não no compasso das antigas missões europeias...

Nas palavras do futuro Papa João XXIII, o grande escândalo do Cristianismo era a divisão entre os cristãos. Certa reaproximação entre católicos e anglicanos já tinha começado na primeira metade do século XX (Newman, Lord Halifax, Cardeal Mercier). Depois da Segunda Guerra Mundial, a reconstrução da Alemanha ensejou fraterna colaboração de católicos e reformados, que chegavam a compartilhar seus edifícios de culto e de ação solidária. Em 1947, criou-se, com sede em Genebra, na Suíça, o Conselho Mundial das Igrejas Cristãs, com participação das Igrejas da Reforma, das Igrejas Ortodoxas e, embora só como observadora, da Igreja Católica. Lembramos, sobretudo, os teólogos protestantes Visser t' Hooft, Oscar Cullmann e Karl Barth, convidados para falar no Concílio. Outro sinal dos tempos. Também nos países ex-coloniais do Terceiro Mundo a re-fundação política e comunitária promoveu a aproximação das Igrejas cristãs, embora, por outro lado, ocorresse um estilhaçamento em inúmeras seitas – situação que continua até hoje, reforçada pelos fundamentalismos.

Entretanto, nas vésperas do Concílio, enquanto a sociologia repetia a frase de Mounier sobre a *morte da cristandade*, divisava-se no horizonte protestante a teologia secularizante – Bultmann, Tillich –, chegando à *teologia da morte de Deus*.²

Em 1958, falece o Papa Pio XII, que tinha sido *o orientador espiritual* da reconstrução da Europa ocidental e da

2. Cf. as obras de Hamilton, Altizer, Cox, Van Buren. O bispo anglicano J. A. T. Robinson publicou um livrinho sintético que provocou muito impacto (*Honest to God*, traduzido no Brasil com o título *Um Deus diferente*).

resistência à União Soviética. Como sucessor foi eleito o arcebispo-patriarca de Veneza, Angelo Giuseppe Roncalli, conhecedor da história e da política e que havia trabalhado como núncio na Bulgária, na Grécia, na Turquia e, no fim da Segunda Guerra Mundial, na França. Eleito papa, escolheu o nome de João XXIII, afastando a sombra que pesava sobre o nome *João* desde o polêmico pontificado de João XXII (falecido em 1334). Assumiu o pontificado numa linha de continuidade, com o lema *Obedientia et pax*. Contudo, com sua enorme sensibilidade aos *sinais dos tempos*, desejava abrir as janelas da Igreja e arejá-la ao sopro do Espírito Santo. Apesar de oposições internas no Vaticano, em 1959 anunciou e no Natal de 1961 convocou o primeiro Concílio Ecumênico depois daquele do Vaticano em 1870: o Concílio Vaticano II.

O primeiro tema a ser considerado no Concílio, em 1962, seria, em continuidade ao Concílio Vaticano I, a Revelação. Mas o esquema preparatório foi rejeitado por quase dois terços dos bispos, o que para João XXIII foi um *sinaleto* para retirá-lo. Mandou substituí-lo por outro, que seria votado no último período do Concílio, em 1965: a constituição dogmática *Dei Verbum*, que marcou, assim, o início e o fim do Concílio.

O primeiro texto efetivamente aprovado, já depois da morte de João XXIII e sob o pontificado de Paulo VI, no fim de 1963, foi a constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC), sobre a liturgia, fruto maduro do *movimento litúrgico* e dos incentivos do próprio Pio XII, que já antes havia renovado a liturgia pascal e a tradução dos salmos. A *Sacrosanctum Concilium* exerceu enorme impacto sobre a vida da Igreja e constitui, até hoje, uma pedra de tropeço para os setores ultraconservadores. Se a *Dei Verbum* tratou do modo de ler, estudar e interpretar a Bíblia, a *renovação litúrgica* foi que a levou até o povo, multiplicando os trechos bíblicos lidos, em vernáculo, na liturgia dominical: “Prepare-se para os céus, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas

3. Cf. THEO-BALD, Christoph. O estilo pastoral do Vaticano II e sua recepção pós-conciliar: exemplo de uma criteriologia e alguns exemplos signi cativos. *Perspectiva Teológica* (Belo Horizonte), v. 44, n. 122, p. 217-236.

4. Os decretos *Dignitatis Humanae* (liberdade religiosa), *Ad Gentes* (missão aos não cristãos), *Nostra Aetate* (relação com as religiões não cristãs), *Unitatis Redintegratio* (ecumenismo), *Orientalium Ecclesiarum* (Igrejas orientais), *Christus Dominus* (múnus episcopal), *Presbyterorum Ordinis* (presbíteros), *Optatam Totius* (formação sacerdotal), *Perfectae Caritatis* (Vida Religiosa), *Apostolicam Actuositatem* (apostolado dos leigos).

ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura” (*SC*, n. 51).

Muita atenção e polêmica granjeou, em seguida, a constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, promulgada, com uma questionada *nota prévia*, em 1964. Também esse texto é de grande importância para o tema da Palavra de Deus, por diversas razões. Em primeiro lugar, devido a seu estilo:³ em vez de desenvolver um raciocínio conceitual em moldes neoescolásticos, recorre amplamente à linguagem simbólica da Bíblia e da patrística, oferecendo, assim, um exemplo de novo discurso teológico. Em segundo lugar, o próprio conteúdo acentua a escuta da Palavra de Deus, pois o documento descreve a Igreja, antes de tudo, como *Povo de Deus* e como comunhão com Cristo, retomando a imagem do *corpo de Cristo*, não no sentido jurídico-institucional, mas no sentido místico-comunional, já antes apresentado na encíclica *Mystici Corporis*, de Pio XII.

A quarta e última constituição promulgada pelo Concílio foi a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, tendo por o condutor a percepção dos *sinais do tempo*. Ela oferece, com frequência, releituras da Bíblia à luz da consciência da realidade, tornando-se, assim, um exemplo do estilo bíblico-pastoral que estaria presente em muitos textos eclesiais nos anos seguintes.

Além desses quatro textos maiores, chamados constituições, foram votados e promulgados uma dezena de textos mais específicos, os decretos.⁴

No que nos diz respeito, o decreto *Perfectae Caritatis*, sobre a Vida Religiosa, falando do primado da vida espiritual, exorta para que “tenham todos os dias entre mãos a Sagrada Escritura, para que aprendam, pela leitura e meditação, ‘a eminente ciência de Jesus Cristo’ (Fl 3,8)” (n. 6) – o que tem aplicação concreta na celebração da liturgia e da Eucaristia.

A Palavra de Deus: Dei Verbum

Como o Concílio concebe a *Palavra de Deus*? A constituição *Dei Verbum* (*DV*) não trata apenas da Bíblia, mas

da Revelação, que tinha sido também o tema da constituição dogmática *Dei Filius*, do Concílio Vaticano I (1870). A abordagem da *Dei Verbum*, porém, é totalmente diferente. O documento de 1870 começava com o Deus Criador, que, em seu Filho Jesus, dá a conhecer a verdade, na revelação contida “nos livros e nas tradições não escritas que, recebidas pelos apóstolos da boca do próprio Cristo ou transmitidas como que de mão em mão pelos próprios Apóstolos sob o ditado do Espírito Santo, chegaram até nós” (*D-H* 3006).⁵

Já a *Dei Verbum* vê a Revelação como ato de autocomunicação de Deus em seu Filho Jesus Cristo, Palavra de Deus encarnada. Percebe-se, na *Dei Verbum*, nitidamente, a nova atitude da Igreja Católica em relação à exegese e teologia bíblica, que já se tinha manifestado na encíclica *Divino A ante Spiritu* de Pio XII (1943).⁶

Começa pelas primeiras frases da Primeira Carta de João: “[...] Anunciamo-vos a vida eterna, que estava junto do Pai e se nos manifestou; [...]” (*DV*, n. 1. Cf. 1Jo 1,1-2). Jesus não veio para expor verdades, mas para *ser* a verdade de Deus, visível aos nossos olhos. Daí o título *Dei Verbum*, apontando para a Palavra de Deus que é Jesus.

O texto se organiza em seis capítulos.

1) A revelação como tal

A Revelação é entendida como automanifestação e auto-comunicação de Deus em Cristo. Jesus não é um entregador de fórmulas reveladas. Ele se entrega a si mesmo como encarnação do amor divino.

Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Pd 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e convive com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir

5. A frase é uma citação da doutrina das “duas fontes” da Revelação, do Concílio de Trento (cf. *D-H* 1501).

6. Cf. KONINGS, J. “Verbum Domini” e a hermenêutica bíblica. *Encontros Teológicos* (Florianópolis), v. 26, n. 2, p. 27-42, 2011 – aqui, p. 39. Cf. Id. *A Bíblia: sua origem e sua leitura*. 7. ed. atualiz. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 214.

à comunhão com ele. Esta “economia” da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação (DV, n. 2; D-H 4202).

2) A transmissão da divina revelação

Essa revelação, concentrada, por assim dizer, em Cristo, Deus cuidou para que fosse conservada integralmente e transmitida a todas as gerações. Nessa transmissão entram, em primeiro lugar, os Apóstolos, que, por sua pregação e também por escrito, conservaram os fatos e palavras dessa revelação prometida pelos Profetas e cumprida por Cristo: as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Os Apóstolos transmitiram também o encargo do Magistério a seus sucessores, os bispos (DV, n. 7).

Constituiu-se, assim, a *Tradição viva*, que “abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé. [...] a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que ela crê” (cf. DV, n. 8; D-H 4209).

As ações dos santos Padres testemunham a presença vivida desta Tradição, cujas riquezas entram na prática e na vida da Igreja crente e orante. Mediante a mesma Tradição, conhece a Igreja o cânon inteiro dos livros sagrados, e a própria Sagrada Escritura entende-se nela mais profundamente e torna-se incessantemente operante; e assim, Deus, que outrora falou, dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo – por quem ressoa a voz do Evangelho na Igreja e, pela Igreja, no mundo – introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza (cf. Cl 3,16) (DV, n. 8; D-H 4211).

Pelo que vimos, torna-se impossível conceber a Tradição e a Escritura como *duas fontes da Revelação*, segundo a linguagem usada por Trento e pelo Vaticano I, em oposição aos protestantes, que aceitariam somente a Sagrada Escritura como fonte. A Escritura faz parte da Tradição. No seio dessa Tradição viva é que ela se tornou *Escritura cristã*, com inclusão das escrituras de Israel. Por isso, o texto não mais fala em termos de *fontes* (apesar das traduções), mas de uma única *nascente (scaturigo)*:

A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura [...] *derivando ambas da mesma fonte* divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo m. [...] A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, conado à Igreja [...] (DV, n. 9-10; D-H 4212-4213; grifo nosso).

A seguir, o documento explica a responsabilidade da interpretação autêntica, conada ao Magistério *vivo* da Igreja, com assistência do Espírito Santo, o que não signi ca que não possa haver interpretação particular, *não autenticada*, mas, contudo, bem verdadeira!

3) Inspiração divina da Sagrada Escritura e sua interpretação

Ao tratar da inspiração, a *Dei Verbum* reafirma que a Igreja “considera como santos e canônicos os livros inteiros do Antigo e do Novo Testamento com todas as suas partes, porque, escritos por inspiração do Espírito Santo (cf. Jo,20,31; 2Tm 3,16; 2Pd 1,19-21; 3,15-16), têm Deus por autor, e como tais foram conados à própria Igreja”.

Para redigir os livros sagrados, Deus escolheu pessoas humanas,

[...] na posse das suas faculdades e capacidades, para que, agindo ele neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que ele queria.

E assim, como tudo quanto a rram os autores inspirados ou hagiógrafos deve ser tido como a rmado pelo Espírito Santo,

por isso mesmo se deve acreditar que os livros da Escritura ensinam com certeza, elemento e sem erro a verdade que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada nas sagradas Letras (DV, n. 11; D-H 4215-4216).

A expressão “a verdade que Deus, para nossa salvação, quis que fosse consignada” é uma base para refutar o fundamentalismo, que transforma as palavras da Bíblia em enunciados científicos. A Bíblia, interpretada no seio da Tradição viva na qual ela se constituiu como revelação escrita e no espírito que a inspirou, nos mostra a verdade para nossa salvação, não para resolver questões de física ou de paleontologia ou prever o fim do mundo.

Ao falar da interpretação, a *Dei Verbum* olha, sobretudo, para o lado inicial do evento que é a Escritura: a intenção do autor, a linguagem das origens, mesmo os gêneros literários, simbolismo etc. Vê no trabalho humano dos autores a *admirável condescendência da eterna Sabedoria*, pois “as palavras de Deus com efeito, expressas por línguas humanas, tornaram-se intimamente semelhantes à linguagem humana, como outrora o Verbo do eterno Pai se assemelhou aos homens tomando a carne da fraqueza humana” (DV, n. 13; D-H 4220).

De fato, o que para muitos são *problemas bíblicos* – inexactidões históricas, contradições, incoerências, conceitos bárbaros, simbolismos estranhos e até as divergências nos documentos antigos e os erros tipográficos nas edições de hoje – não são implicações da encarnação da Palavra de Deus.⁷

4) O Antigo Testamento

O texto esboça, em seguida, um resumo da História da Salvação antes de Cristo, como se depreende de uma leitura do Antigo Testamento: “A ‘economia’ do Antigo Testamento destinava-se sobretudo a preparar, a anunciar profeticamente (cf. Lc 24,44; Jo 5,39; 1Pd 1,10) e a simbolizar com várias figuras (cf. 1Cor 10,11) o advento de Cristo, redentor universal, e o do reino messiânico” (DV, n. 15; D-H 4222). Apesar de algumas coisas imperfeitas, esses livros “revelam,

7. Cf. KONINGS, J. *A Palavra se fez livro*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2010. p. 13.

contudo, a verdadeira pedagogia divina” (ibid.) e devem ser devotamente recebidos pelos fiéis, pois contêm “sublimes doutrinas a respeito de Deus, uma sabedoria salutar a respeito da vida humana, bem como admiráveis tesouros de graças, nos quais, finalmente, está latente o mistério da nossa salvação” (ibid.).

[...] Deus, inspirador e autor dos livros dos dois Testamentos, dispôs tão sabiamente as coisas, que o Novo Testamento está latente no Antigo, e o Antigo está patente no Novo. Pois, apesar de Cristo ter alicerçado à nova Aliança no seu sangue (cf. Lc 22,20; 1Cor 11,25), os livros do Antigo Testamento, ao serem integralmente assumidos na pregação evangélica adquirem e manifestam a sua plena significação no Novo Testamento (cf. Mt 5,17; Lc 24,27; Rm 16,25-26; 2Cor 3,14-16), que por sua vez iluminam e explicam (DV, n. 16; D-H 4223, citando Agostinho).

5) O Novo Testamento

É, portanto, no Novo Testamento que a Palavra de Deus “manifesta o seu poder de um modo eminente” (DV, n. 17; D-H 4224). Quando os tempos se cumpriram,

[...] Cristo estabeleceu o Reino de Deus na terra, manifestou com obras e palavras o Pai e a si mesmo, e levou a cabo a sua obra com a sua morte, ressurreição, e gloriosa ascensão, e com o envio do Espírito Santo. [...] Este mistério, porém, não foi descoberto a outras gerações como foi agora revelado aos seus santos Apóstolos e aos profetas no Espírito Santo (cf. Ef 3,46 gr.) para que pregassem o Evangelho, e despertassem a fé em Jesus Cristo e Senhor, e congregassem a Igreja. Os escritos do Novo Testamento são um *testemunho perene e divino* de todas estas coisas (ibid.).

6) A Sagrada Escritura na vida da Igreja

No último capítulo, a *Dei Verbum* faz uma aproximação entre a Sagrada Escritura e a veneração do corpo do Senhor:

A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da Palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo. Sempre as considerou, e continua a considerar, juntamente com a sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé; elas, com efeito, inspiradas como são por Deus, e exaradas por escrito de uma vez para sempre, continuam a dar-nos imutavelmente a Palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos Apóstolos. É preciso, pois, que toda a pregação eclesial, assim como a própria religião cristã, seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura (*DV*, n. 21; *D-H* 4228).

Com base nesse princípio, descreve e defende a prática das traduções em vernáculo, desde a *Septuaginta* e a *Vulgata* até hoje, bem como o estudo bíblico, “sob a vigilância do sagrado magistério, [...] de modo que o maior número possível de ministros da Palavra de Deus possa oferecer com fruto ao Povo de Deus o alimento das Escrituras, [...]” (*DV*, n. 23; *D-H* 4230). Mas o estudo bíblico não é algo separado da teologia:

A sagrada Teologia apoia-se, como em seu fundamento perene, na Palavra de Deus escrita e na sagrada Tradição, e nela se consolida firmemente e sem cessar se rejuvenesce, investigando, à luz da fé, toda a verdade contida no mistério de Cristo. As Sagradas Escrituras contêm a Palavra de Deus, e, pelo fato de serem inspiradas, são verdadeiramente a Palavra de Deus; e por isso, o estudo destes sagrados livros deve ser como que a alma da sagrada teologia (*DV*, n. 24; *D-H* 4231).

É necessário, por isso, que todos os clérigos e sobretudo os sacerdotes de Cristo e outros que, como os diáconos e os catequistas, se consagram legitimamente ao ministério da Palavra, mantenham um contato íntimo com as Escrituras, [...] a fim de que nenhum deles se torne “pregador vazio e superficial da Palavra de Deus, por não a ouvir de dentro”, tendo, como têm, a obrigação de comunicar aos fiéis que lhes estão confiados as grandíssimas riquezas da palavra divina, sobretudo na sagrada Liturgia (*DV*, n. 25; *D-H* 4232, citando Agostinho).

Isso vale, naturalmente, para os religiosos inseridos na pastoral da palavra. Mas “o sagrado Concílio exorta com ardor e insistência todos os fiéis, mormente os religiosos, a que aprendam ‘a sublime ciência de Jesus Cristo’ (Fl 3,8) com a leitura frequente das divinas Escrituras, porque ‘a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo’” (ibid., citando Jerônimo).

Nesse sentido, o texto apoia todas as atividades de leitura e pastoral bíblica que hoje em dia “se vão espalhando tão louvavelmente por toda a parte” (ibid.), lembrando que devem ir acompanhadas da oração, transformando-as num diálogo entre Deus e o homem, pois, como diz Ambrósio, “a ele falamos, quando rezamos, a ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos” (ibid.).

Assim, o tesouro da Revelação com o auxílio à Igreja deverá saciar, cada vez mais, os corações: “[...] Assim como a vida da Igreja cresce com a assídua frequência do mistério eucarístico, assim também é lícito esperar um novo impulso de vida espiritual, se quisermos crescer a veneração pela Palavra de Deus, que ‘permanece para sempre’ (Is 40,8; cf. IPd 1,23-25)” (DV, n. 26; D-H 4235).

Novos sinais do tempo, sinais de um novo tempo...

Ninguém pode negar o impacto renovador do Concílio Vaticano II. Respondeu ao que os sinais do tempo advertiram. Um reavivamento espiritual, um novo Pentecostes renovou a Igreja. As celebrações litúrgicas, ora celebradas com maior simplicidade, em vernáculo e de face voltada para o povo, eram um sinal da nova consciência eclesial e também da percepção de um Deus próximo, o Pai de Jesus Cristo. O clero, os(as) Religiosos(as) e os demais fiéis ficaram mais próximos uns dos outros. Multiplicaram-se as iniciativas ecumênicas. A Igreja *pobre e serva*, preconizada por padres conciliares, como os cardeais Léger e Lercaro, pelos bispos Helder Câmara e Proaño, para citar apenas alguns, parecia tomar corpo nas obras de solidariedade do

mundo inteiro e, sobretudo, nas comunidades de base com colorido autóctone e participação ativa de todos. Paróquias eram com adas a Religiosas, a ministros leigos chamados do meio do povo eclesial. Religiosos e, sobretudo, religiosas deixaram seus poderosos Institutos para se inserirem no meio do povo simples e participarem de suas lutas. Desdobrou-se uma vitalidade sem par, com guras emblemáticas, como Dom Casaldáliga, em São Félix do Araguaia, e tantos outros nas novas fronteiras da missão. Círculos bíblicos – CEBI –, novo conceito da missão indígena – CIMI – e tantas outras frentes onde os Religiosos e as Religiosas de nosso País assumiram sua vocação.

Entretanto, o mundo começou a mudar radicalmente. Já antes do Concílio alastrou-se o movimento *hippie*, sinal confuso de que as antigas certezas culturais não mais ditavam a norma. Em 1968, eclodiu, entre os universitários de Paris-Nanterre, a Revolução de Maio. Parecia um *tsunami* de esquerdismo marxista. Na realidade, porém, olhando a distância, parece que foi um primeiro sinal da Pós-Modernidade. Os elevados discursos da social-democracia do Primeiro Mundo pós-Segunda Guerra Mundial não convenciam mais.

No plano político, os Estados Unidos estavam atolados na lama da guerra do Vietnã. O Terceiro Mundo se erguia. A África se livrava da dominação política (da econômica, por enquanto não). Na América Latina, o exemplo de Cuba incentivou o sacerdote guerrilheiro Camillo Torres, o emblemático Che Guevara, os sandinistas em Nicarágua. Mas, logo, sob o pretexto do combate ao comunismo e financiada pela Comissão Trilateral, alastrava-se a reação dos governos militares instalados no Brasil, em 1964, e posteriormente no Chile e na Argentina.

As democracias populares, como eufemisticamente se chamavam os regimes fechados do bloco soviético, foram desmoronando. Depois das insurreições na Hungria e na Tchecoslováquia, depois da tentativa de abertura com Gorbachev, na Rússia, e da revolução nacionalista da Polônia, caiu, em 1989, o muro de Berlim. Impulsionada pelas

megafusões de bancos e empresas, chegou a globalização neoliberal, implantando no mundo inteiro um grande mercado de produção para o consumo, argumentado pelos Prêmios Nobel de Economia, Hayek e Friedman, e considerado, por Francis Fukuyama, *o fim da história*.

O mundo foi se tornando sempre mais multicultural. Entretanto, percebeu-se que nem o sonhado socialismo mundial nem o neoliberalismo capitalista conseguiram expulsar a desigualdade e a miséria. Ao contrário, aumentaram. Com um agravante: até a natureza parece não mais suportar as pegadas elefânticas da humanidade, que está queimando seu próprio ambiente vital: o problema ecológico. Para reagir, surge o Fórum Mundial: outro mundo deve ser possível, porém mediante uma radical transformação da relação do homem com a sociedade e com a natureza.

O poético otimismo dos *hippies* e a perspectiva ingênua de um mundo melhor transformaram-se em sentimento de crise generalizada. A depressão está se tornando, além de uma praga econômica, também a doença privilegiada do início do século XXI. O pensamento perde suas certezas. Contra o predomínio da racionalidade instrumental, surge preconiza-se a *razão fraca*, que foge das certezas absolutas. Os espíritos mais ortodoxos veem o perigo de um *relativismo absoluto*.

No terreno religioso, confusão total. As religiosidades bem assentadas – o Catolicismo, o Protestantismo histórico, o Islã *sapiencial* – estão sendo acudadas por movimentos fundamentalistas e/ou (pseudo)místicos. O que inicialmente parecia um retraimento do religioso – a secularização, a *morte de Deus* – deu lugar, primeiro, a um *rumor de anjos*⁸ e, logo depois, a movimentos religiosos por vezes delirantes, por vezes beligerantes. Entretanto, a Igreja Católica sofre consideráveis baixas lá onde ela teve seu epicentro, na Europa ocidental e nos Estados Unidos, e sinais semelhantes aparecem na América Latina.⁹

É sob essa luz que devemos ver o Sínodo sobre a Palavra de Deus (2008) e a exortação apostólica *Verbum Domini* do Papa Bento XVI (2010 – *VDom*). Como expus alhures,¹⁰ o

8. Cf. BERGER, Peter L. *rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1997.

9. Cf. o recente censo do IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo2010/>>.

10. KONINGS, J. A exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*. *Revista Eclesiástica Brasileira* (Petrópolis), v. 71, n. 281, p. 87-123, jan. 2011.

sínodo e a exortação para a qual ele deu a base fornecem uma releitura da *Dei Verbum* no novo contexto, quase meio século depois. Vale lembrar que o Sínodo dos Bispos é uma instituição permanente, criada pelo Concílio Vaticano II para acompanhar a recepção do Concílio e estimular sua atualização na acelerada mudança dos tempos que estamos vivendo. Assim, em 2008, a XII Assembleia Geral do Sínodo dobrou-se sobre a recepção e atualização da *Dei Verbum*. O título dessa assembleia ampliou o do último capítulo da *Dei Verbum*, “A Sagrada Escritura na vida da Igreja” – nesse sentido, *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja* aponta que a Palavra de Deus é mais que a Bíblia e que a Igreja é comunidade em missão, como já tinham sublinhado os papas Paulo VI, na exortação *Evangelii Nunciandi*, e João Paulo II, na *Redemptoris Missio*.

A *Verbum Domini* atualiza o documento conciliar por alguns avanços. Em primeiro lugar, aprofunda a hermenêutica bíblica. A *Dei Verbum*, na linha da *Divino A ante Spiritu* de Pio XII, insistiu no empenho dos exegetas em descobrir o sentido do autor nos textos bíblicos. A *Verbum Domini* acentua o processo hermenêutico, que permite que o ouvinte receba a palavra como palavra viva, hoje, “como o que ela de fato é: palavra de Deus, que age em vós que acreditais” (1Ts 2,13). Outro avanço é a perspectiva pastoral: não apenas o estudo da Sagrada Escritura deve ser a alma de toda a teologia (cf. *DV*, n. 24), mas toda a pastoral deve ser bíblica (*VDom*, n. 73-75).

A *Verbum Domini* contempla também a *Palavra de Deus e a Vida Consagrada* (n. 83):

O Espírito Santo, por cuja virtude foi escrita a Bíblia, é o mesmo que ilumina “a Palavra de Deus, com nova luz, para os fundadores e fundadoras. Dela brotou cada um dos carismas e dela cada regra quer ser expressão”, dando origem a itinerários de vida cristã marcados pela radicalidade evangélica.

Lembra, nesse sentido, a tradição monástica e a *lectio divina*, aberta agora a todo o Povo de Deus. “Por isso, o Sínodo

recomenda que nunca falte nas comunidades de Vida Con-sagrada uma sólida formação para a leitura crente da Bíblia” (ibid.). E acrescenta, evocando a gura *contemplativa* de Maria de Betânia sentada aos pés do Senhor, uma advertência a respeito do perigo do ativismo.

Conclusão

Tanto a *Dei Verbum* como a *Verbum Domini* insistem na alimentação pessoal dos Religiosos pelo contato *direto* com a Sagrada Escritura e não só através das recon-guações oferecidas pela teologia, pelo catecismo e pela leitura espiritual tradicional, que são interpretações condicionadas pelo quadro da época em que foram elaboradas. A hermenêutica sadia sempre deve voltar às origens para restabelecer seu movimento circular.¹¹ Essa preocupação foi uma das molas propulsoras do Concílio Vaticano II, tanto na dimensão bíblica como na litúrgica e na visão da Vida Religiosa: voltar às fontes, contato *direto*. Mas isso não acontece apenas na leitura individual ou em cursos bíblicos. A escuta da palavra bíblica na liturgia, a recitação dos salmos na oração comunitária/divino ofício são formas de contato direto com a Palavra de Deus, pelo menos na sua forma escrita (pois a Palavra de Deus é maior que a Escritura). E o mesmo se diga da prática da *lectio divina*, que aqui entre nós foi divulgada pelos subsídios da Palavra-Vida.¹² Esse contato direto é um polo da relação hermenêutica, ou seja, da interpretação à luz da realidade hoje. Bíblia e vida se iluminam mutuamente. A Bíblia ilumina a vida, mas a vida proporciona a atenção, o interesse, o olhar aberto com o qual nos aproximamos da Bíblia. Devemos, porém, cuidar para que seja realmente um olhar aberto e não um convencimento cego, que projeta na Bíblia o que queremos tirar dela... Os que têm o coração puro (aberto, disponível) é que verão a Deus, também na Bíblia. Precisamente a re-exão em comunidade, ou, então, com participantes de fora, será um meio para evitar cegueira e unilateralidade.

11. Cf. KONIN-GS, J. Interpretar a bíblia aos cinquenta anos do Concílio Vaticano II. *Perspectiva Teológica*, v. 44, n. 123, p. 237-256, maio-ago. 2012.

12. Coleção Tua Palavra é Vida, CRB. Publicações CRB/Ed. Loyola.

A Vida Religiosa tem também sua missão para fora. Mesmo os(as) contemplativos(as) dialogam com as pessoas de fora, seja individualmente, seja em grupos de diálogo. Na medida em que os Religiosos recebem uma formação bíblico-teológica mais aprimorada – e é bom que procurem isso –, podem assumir missões junto ao Povo de Deus, e mesmo junto aos não cristãos, para deixar outros partilharem desse privilégio recebido, desde que isso não comprometa sua forma de Vida Religiosa. A atual tendência à secularização, também no Brasil, torna mais urgente ainda a disponibilidade para aqueles que desistiram da prática religiosa tradicional. Mas isso exige um bom preparo, que só se alcança interiorizando profundamente a Palavra de Deus. A *volta às origens* contém uma indicação prática: não foram as Comunidades Religiosas sempre escolas de oração e de vida cristã para os demais – éis? Então, certamente neste tempo de confusão, de banalização até nas celebrações da Eucaristia, será, certamente, um grande serviço à fé se as Comunidades de Vida Religiosa Consagrada abrirem momentos de oração e de celebração, moldados pela escuta da Palavra de Deus, para que pessoas de fora possam participar e, mesmo, encontrar ensejo de diálogo aprofundado.

Finalmente, embora não seja uma tarefa exclusiva dos religiosos, vale mencionar a arte da homilia, que é a matriz e o fruto da hermenêutica bíblica. Na homilia, o *el* deve ser confrontado com a Palavra de Deus em sua vida concreta. O momento contemplativo que deve estar presente em toda a Vida Religiosa, seja contemplativa, seja ativa, alimentará essa arte, evitando o perigo, que já citamos, de ser *vão pregador da Palavra de Deus, externamente, quem a ela não presta ouvido interiormente*.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Ninguém pode negar o impacto renovador do Concílio Vaticano II. Respondeu ao que os sinais do tempo advertiram. Um reavivamento espiritual, um novo Pentecostes renovou a Igreja. Que sinais de reavivamento ainda podemos encontrar em nossa Congregação ou Instituto?
2. *Que nunca falte nas comunidades de Vida Consagrada uma sólida formação para a leitura crente da Bíblia. Que importância temos dado a esse lembrete da *Verbum Dominum*?*
3. As Comunidades Religiosas sempre foram escolas de oração e de vida cristã para os demais. O que devemos fazer para reanimar este serviço ao Povo de Deus?

MERCEDES LOPES, MJC*

Introdução

A centralidade da pessoa de Jesus como núcleo de sentido para a Vida Religiosa Consagrada leva-nos a verificar as imagens de Deus que internalizamos em nossa caminhada de fé e a ampliar as metáforas para falar de Deus e para entrar na sua intimidade. Somos desafiados a compreender Deus como Amor¹ que deseja relação de amor e, para isso, cria o universo como uma comunicação de si mesmo.

O mundo é corpo de Deus. “Quando o mundo é visto como corpo de Deus, este corpo inclui mais do que apenas os cristãos e mais do que apenas a humanidade.”² Mas Deus corre o risco de particularizar o seu amor para poder comunicar-se. Deus ama o povo bíblico com amor eterno (Is 54,8) e estabeleceu este povo como luz para as nações (Is 49,6). Luz da Palavra que ajuda a descobrir, na criação, os sinais da presença amorosa de Deus.

Na plenitude dos tempos, Jesus histórico torna-se a mais surpreendente epifania do louco amor de Deus por todas as suas criaturas. Jesus de Nazaré é o rosto humano de Deus.

O universo é uma explosão do infinito e gratuito amor de Deus

Neste momento da história, a Vida Religiosa Consagrada escuta de novo o urgente chamado para contemplar o universo com um olhar de sabedoria, admiração e encantamento pela beleza, diversidade, harmonia, ritmo e dinamismo

* **Irmã Mercedes Lopes** pertence à Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. É assessora das CEBs e dos Movimentos Populares. De 1983 a 1990 viveu numa aldeia indígena no interior da Bolívia. De 1990 a 1993 assumiu a formação bíblica da Vida Religiosa Consagrada na Conferência de Religiosos e Religiosas da Bolívia.
Endereço da autora: Rua Capitão Teles, 439, Centro, CEP 26551-190, Mesquita-RJ.

1. 1Jo 4,8.16

2. McFAGUE, Sallie. *Modelos de Deus: Teologia para uma era ecológica e nuclear*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 107.

presentes em toda a criação de Deus. Compreende que para vislumbrar o mistério que se revela e se oculta em todo o cosmos é necessário muito mais que um treinamento cotidiano, é preciso ter uma contemplação sapiencial da realidade. Tal contemplação supõe um olhar livre e sensível para perceber novos chamados; desconstruir velhos esquemas mentais; aprender de novo com liberdade con ante a *descobrir, interessar-se, escolher, conhecer, coabitar = ter relação de total entrega e intimidade*³ com o mistério maior que gerou o universo como uma explosão do seu amor.

Com olhar de sabedoria podemos admirar as mais sutis complexidades do universo, que inclui tanto os eventos do nosso momento presente como os grandes eventos do passado e aqueles que serão criados a partir de nossa postura proativa, que prevê o futuro, propõe e realiza ações inéditas e desadadoras em redes solidárias, para cuidar e defender a vida. Ações realizadas em conjunto, a partir de dons pessoais e congregacionais, com reverência e paixão pela criação: epifania de um Deus apaixonado.

Essa é a perspectiva do Fórum de atuação profético-missionária da Vida Religiosa Consagrada, organizado e realizado pela CRB Nacional em Belo Horizonte-MG de 6 a 9 de setembro de 2012.

E a Palavra se fez carne e colocou sua tenda entre nós (Jo 1,14)

A Carta aos Gálatas situa a encarnação de Jesus *nascido de mulher, na plenitude dos tempos* (cf. 4,4). A entrada de Jesus na história humana constitui a etapa culminante da manifestação de Deus. Mas qual seria o significado da expressão *plenitude dos tempos*? Jesus de Nazaré viveu em um tempo de *plenitude* ou de grande carência, de fragmentação social e dominação religiosa? Seria esta expressão, *plenitude dos tempos*, um jeito de dizer que chegou a hora de se realizar a teimosa esperança do povo bíblico? Refere-se à realização de sonhos messiânicos que sustentaram a resistência de um povo oprimido durante séculos?

3. Estes são os sentidos do verbo “saber” (*yada*) na Bíblia hebraica, onde se encontram três palavras para dizer “sabedoria”, sempre relacionadas com a vida cotidiana e as possibilidades de aprendizagem e descobertas a partir da experiência.

São Paulo vê a entrada de Jesus na história como uma época plena, cheia, transbordante de graça (2Cor 6,2; Rm 3,26; 13,11). Mas, quando nos detemos na história do primeiro século da era cristã, encontramos esse tempo marcado por fome, exploração, violência, guerras...

Situando Jesus na história do seu tempo

A Galileia foi governada por Herodes Antipas (4 a.C. – 39 d.C.), lho de Herodes, o Grande, durante todo o tempo da vida de Jesus. Seu governo se caracterizava pela prepotência, falta de ética e poder absoluto. Ele construiu uma nova capital em Tiberíades, já que Séforis, a antiga capital, havia sido destruída pelos romanos, em represália contra um levante popular. Isso aconteceu quando Jesus tinha em torno de sete anos de idade.

Tiberíades, a nova capital, toda ela construída conforme o padrão das cidades da cultura helenista, foi inaugurada treze anos mais tarde, quando Jesus tinha cerca de vinte anos. Seu nome era uma homenagem a Tibério César. Na Galileia, a cidade de Tiberíades era como um cisto estranho. Era lá que viviam o rei, *os magnatas, os generais e os grandes da Galileia* (cf. Mc 6,21). Lá moravam os donos das terras, os soldados, a polícia, os juízes muitas vezes insensíveis ao sofrimento do povo (Lc 18,1-4). Para lá eram levados os impostos e o produto do trabalho das famílias. Era lá que Herodes fazia suas orgias de morte (Mc 6,21-29). Em Tiberíades vivia o pessoal de roupa fina (cf. Mt 11,8). Não consta nos Evangelhos que Jesus tenha entrado nessa cidade.

Durante o governo de Herodes cresceu o latifúndio em prejuízo das propriedades comunitárias. Uma das causas para a concentração de terras eram os impostos, pois reduziavam a renda das pequenas propriedades rurais. Essa situação transparece no Primeiro Livro de Henoque (séc. II a.C. – séc. I d.C.), que denuncia os poderosos donos das terras e expressa a esperança dos pequenos: “[...] então, os poderosos e os grandes já não serão mais os donos da terra!” (Hen 38,4).

Esse apócrifo resgata o ideal dos tempos antigos: “Cada um debaixo da sua vinha e da sua gueira, sem que haja quem lhes cause medo” (cf. 1Mc 14,12; Mq 4,4; Zc 3,10). Mas a política do governo de Herodes tornava impossível a realização desse ideal.

Os privilegiados pelo governo de Herodes Antipas eram os funcionários éis ao projeto do rei: escribas, comerciantes, donos de terras, scais do mercado, publicanos ou coletores de impostos, militares, policiais, juizes, promotores, chefes locais. A maior parte desse pessoal morava na capital, gozando dos privilégios que Herodes oferecia – por exemplo, a isenção de impostos. Outra parte vivia nas aldeias. Em cada aldeia ou cidade havia um grupo de pessoas que apoiava o governo. Vários escribas e fariseus estavam ligados ao sistema e à política de Herodes. No Evangelho de Marcos, os fariseus aparecem junto com os herodianos (Mc 3,6; 8,15; 12,13), o que reete a aliança que existia entre o poder religioso e o poder civil.

Arquelau governou a Judeia, a Idumeia e a Samaria, tendo sido destituído e enviado para o exílio na Gália, depois de pouco mais de dez anos de governo, por sua violenta administração dos conitos. Desde então, os romanos decidiram administrar a Judeia por meio de um procurador romano: Pôncio Pilatos. A inserção da Judeia como província procuratorial, dentro da unidade administrativa da província da Síria, possibilitava certa autonomia, garantindo a prática dos costumes da cultura judaica e a atuação legal do sinédrio.

O Templo de Jerusalém funcionava como o banco central daquela época. Ele tinha muita importância econômica, sobretudo para os moradores de Jerusalém, que viviam do comércio de animais para o sacrifício, do câmbio de moedas para os judeus que vinham da diáspora, das hospedarias e da confecção de objetos, através do artesanato. A população de Jerusalém vivia do templo. Muitas pessoas trabalhavam nas reformas, feitas desde Herodes, o Grande, que recuperou o segundo templo em um novo e amplo estilo e mandou circundá-lo com pórticos. Também foi construída uma imensa muralha de circunvalação.

A *pax romana*, garantida pelas tropas militares, oferecia uma base de sustentação ideológica para o comércio internacional e a concentração econômica, evitando a reação dos pobres, através do massacre de revoltosos. O poder religioso contribuiu para a formação de uma ideologia que favorecia o ordenamento econômico segundo os interesses do Império. Para a religião do Império, eram os deuses que garantiam essa paz. Para o sistema do templo, a riqueza e a prosperidade eram sinais da bênção de Deus. Essa ideologia é que mantinha a exploração econômica da Palestina.

O censo dos habitantes e de seus bens, realizado por Quirino, na época do nascimento de Jesus, tinha como objetivo principal a concretização de uma reforma tributária, responsabilizando as administrações locais pela arrecadação dos impostos. Esse censo causou muitos protestos entre a população, liderada por Teudas e por Judas, o Galileu (At 5,37). A vida do povo nas aldeias da Galileia, da Samaria e da Judeia era muito controlada, tanto pelo governo local como pelo sistema religioso do templo. Um controle que abrangia as diferentes situações da vida diária e a economia do povo judeu.

Com o início da guerra dos judeus contra os romanos, a ameaça da perseguição se generalizou. Diante dela, houve cristãos que negaram ou traíram sua fé, muitos se dispersaram. Essa situação se reflete na descrição das atitudes dos discípulos diante da proposta de Jesus: Pedro negou (Mc 14,71), Judas traiu (Mc 14,10.45), todos fugiram e se dispersaram (Mc 14,27.50). No tempo de Marcos, muitas comunidades que viviam na Palestina foram para a Síria, para a Transjordânia e até mesmo para lugares mais distantes, como Ásia Menor, Grécia e Macedônia.

O medo e a insegurança econômica tornavam a vida mais difícil nessas novas situações. A memória de Jesus, as celebrações, a vivência comunitária da fé eram a luz que ajudava as comunidades a encontrar novos caminhos. É nesse contexto que a Boa-Nova de Jesus Cristo, segundo Marcos, foi escrita.⁴

4. Veja mais em: LOPES, Mercedes; MESTERS, Carlos. Comunidade que partilha – Perspectiva econômica e ecumênica do Evangelho de Marcos. *Revista de Interpretação Latino-Americana (RIBLA)* n. 59, Petrópolis: Vozes, p. 22-24.

Retomando a centralidade de Jesus para sua vida de fé, as primeiras comunidades cristãs recordavam seus ensinamentos e suas ações para nutrir a esperança, superar o medo e congregar em torno da pessoa de Jesus uma diversidade, cada vez maior, de seguidores e seguidoras, dando continuidade ao seu projeto. E hoje, ao resgatar o seguimento de Jesus, como núcleo de sentido e identidade para a Vida Religiosa Consagrada, estamos nutrindo uma espiritualidade libertadora? Essa espiritualidade ajuda-nos a perceber o *Kairós* de Deus convocando-nos para dedicar-nos ao cuidado de toda vida fragilizada, para que *todos tenham vida em plenitude* (cf. Jo 10,10), neste tempo de desemprego, insegurança, violência, tráfico de seres humanos, armas e drogas?

Jesus de Nazaré: rosto humano de Deus

O Evangelho de João afirma que a Palavra de Deus já existia antes da criação do universo (Jo 1,3). Para a comunidade joanina, a Palavra viva de Deus é Jesus de Nazaré, que se faz carne e vem morar entre nós (Jo 1,14). Por sua encarnação, Jesus é inerente ao mundo, enraizado no próprio âmago da natureza humana. Ao mesmo tempo, Jesus é a luz do mundo (Jo 8,12), que tudo alumina com seu jeito humano e simples de ser. Sua entrega livre, amorosa, decidida, arriscada, seduz e conduz. A humanidade caminha iluminada por Jesus, rosto humano de Deus.

Na pessoa de Jesus de Nazaré Deus se aproxima definitivamente da criação, tornando-se acessível aos nossos sentidos. Os contemporâneos de Jesus puderam escutar sua voz, contemplar seu rosto, tocá-lo, sentir seu respeito e sua compaixão pelos pobres e pecadores, mulheres e crianças. Os quatro Evangelhos estão carregados de experiências dessa proximidade das pessoas com Jesus de Nazaré. As multidões excluídas pelo sistema do templo se alegram com a possibilidade de terem esse acesso a Deus na pessoa de Jesus (Lc 1,68.78; 7,16).

Quanto mais as pessoas se aproximam de Deus, mais se divinizam. Quanto mais Deus se aproxima das pessoas, mais humanas elas se tornam. Com a aproximação de Deus, na pessoa de Jesus de Nazaré, a *imagem e semelhança* do homem e da mulher com a Divindade fica mais nítida, mais clara (Gn 1,27). Essa proximidade faz com que cada pessoa passe a conhecer-se melhor quando se observa no espelho de Jesus de Nazaré, que vive na intimidade com Deus, assumindo de maneira contínua e intensa sua própria humanidade (Lc 2,52).

Na humanidade de Jesus de Nazaré Deus se faz solidário e acolhe com misericordiosa compaixão os corpos caídos, desgurados, feridos, excluídos. Contemplar esses corpos fragilizados como *tenda* de Deus, como lugar onde Deus faz sua morada, exige a sensibilidade que caracteriza uma pessoa verdadeiramente humana. Alguém que se recusa a acostumar-se com a miséria, que não fica indiferente diante do massacre de jovens, de corpos transformados em mercadoria ou em lixo humano, tampouco diante de realidades injustas em nossas comunidades, Congregações, Igreja e sociedade.

Além disso, a relação de intimidade com Jesus de Nazaré leva as pessoas a terem maior sintonia com todo o universo. Porque, segundo o hino da comunidade de Colossas, “tudo foi criado por ele e para ele; ele é anterior a tudo, e nele tudo tem a própria consistência” (cf. Cl 1,17). Tal hino, assim como o prólogo do Evangelho de João (Jo 1,1-5.9-14), nos apresenta o Cristo cósmico, inspirado nos textos da Sabedoria (Sb 8,1; Pr 8,29-31). Desses textos vem uma luz que pode ajudar-nos a descobrir nosso lugar na teia da vida e a sermos coerentes na intercomunicação amorosa e solidária com todos os seres.

Jesus é epifania do amor antecipado e gratuito de Deus

A postura de Jesus com os pecadores, oferecendo-lhes o perdão de Deus, provocou indignação dos que detinham o

poder religioso através do sistema do pecado (Mc 2,1-12). Jesus acolhe pecadores sem exigir nada antecipado. Oferece sua comunhão e amizade como um sinal de que Deus os acolhe em seu Reino assim como são: como pecadores, confidando totalmente que Deus está cheio de misericórdia e que continuamente está buscando os pecadores (Mc 2,15-17; Mt 9,10-14; Lc 19,1-10). Jesus comunica a misericórdia de Deus não somente através das suas parábolas (Lc 15,4-31; Mt 18,23-33), mas na comunhão de mesa, colocando justos e injustos diante do insondável abismo do perdão de Deus e pedindo que façamos o mesmo.

Toda a vida de Jesus, recordada e celebrada pelas primeiras comunidades cristãs, é uma revelação tangível do Deus Vivo, Deus de Israel. Jesus é uma epifania do modo de ser e de agir de Deus, cujo cerne é o amor. Construir a vida, curar as pessoas e o mundo ferido somente é possível através do amor. Jesus, o profeta do Reino, mostra a compaixão do seu *Abbá*, através de sua vida, das suas relações, dos seus toques, das curas que devolviam a dignidade às pessoas, reintegrando-as às suas comunidades.

O convite de Jesus para vivermos o mandamento do amor é uma chamada agradável e até sedutora. Mas quem poderia esperar que Jesus pedisse para amar aos inimigos? Somente um *louco* poderia dizer isso com toda convicção: “Mas, eu digo a vocês que me escutam: amem os seus inimigos, e façam o bem aos que odeiam vocês. Desejem o bem aos que os amaldiçoam, e rezem por aqueles que os caluniam. [...]” (cf. Lc 6,27-36).

O povo que ouve Jesus sofre opressão dos romanos e o desprezo das elites de Israel. Por isso, odeia os seus opressores. Para os empobrecidos, os chefes religiosos são inimigos do povo. Também a elite de Judá mantinha uma expectativa rancorosa em relação à chegada do *dia da vingança de Javé* (Sf 1,14-15; Jl 2,11) contra os estrangeiros e os rebeldes de Israel. Como entender a proposta nova e surpreendente de Jesus?

Para humanizar e libertar o povo judeu disperso, Jesus busca fazê-los compreender que Deus não é violento, mas

compassivo. Deus ama até mesmo os seus inimigos e não quer a destruição de ninguém. Ama intensamente toda a sua criação! A grandeza de Deus não está no poder para destruir seus inimigos, mas na compaixão incondicional para com todos: “Assim vocês se tornarão filhos do Pai que está no céu, porque ele faz o sol nascer sobre maus e bons e a chuva cair sobre justos e injustos” (cf. Mt 5,45).

A partir da sua experiência do amor de Deus, Jesus vê o amor aos inimigos como um caminho para ir destruindo o ódio no mundo. Este é um processo que exige grande esforço, pois, para crescermos em humanidade, necessitamos deixar o ódio, superando todo tipo de ressentimento, bendizer todas as pessoas e fazer o bem.

Ao falar de amor aos inimigos, Jesus não está discorrendo sobre sentimentos de afeto e carinho para com as pessoas que nos fazem mal. Amar o inimigo é pensar no seu bem-estar e fazer o que for bom para aquela pessoa, independente do que ela signifique para nós. “No Reino de Deus, toda criatura humana, mesmo aquela que nos parece mais desprezível, tem direito de experimentar o amor e de receber a ajuda de que necessita para viver dignamente.”⁵

Jesus orante

O jeito novo, inédito, de Jesus se relacionar com as pessoas e a força provocadora da sua profecia tem sua origem na relação de intimidade que Jesus mantém com o seu *Abbá* (papai). As primeiras palavras que as crianças da Galileia aprendiam a balbuciar eram: *immá* = mamãe e *abbá* = papai. É assim que Jesus gosta de se dirigir a Deus! Essa expressão brota do mais profundo do seu ser. Lembra a relação de carinho, de intimidade e de confiança da criança com seus pais. Mostra que Jesus experimenta Deus como alguém muito próximo, bom, compassivo, querido, dialogável. A bondade do *Abbá* já está acontecendo no mundo, sob a forma de compaixão. Jesus vive essa intimidade amorosa com Deus com assombrosa

5. PAGOLA, José Antonio. *Jesús – Aproximación histórica*. Madrid: PPC, 2008. p. 259.

simplicidade e espontaneidade. A relação de Jesus com o Pai é como um grão de trigo semeado na terra, que ca despercebido por um tempo, mas que se manifestará em seguida como espiga graneada e bonita. Assim é a bondade de Deus. Agora está escondida debaixo da complexa realidade da vida, porém um dia acabará triunfando sobre o poder da morte.

Através de sua profecia Jesus denuncia com coragem o sistema legalista e excludente que em nome de Deus domina e mata. Com sua terna compaixão Jesus toca e inclui as pessoas doentes, excluídas, empobrecidas, fazendo-as experimentar a surpreendente visita de Deus (Lc 7,16). Jesus nutre suas relações novas, cheias de ternura, e também sua audaciosa profecia, através dos momentos de intimidade com o seu *Abbá*.

Depois de longas caminhadas e dias cheios de encontros, curas e ensinamentos às multidões excluídas do sistema religioso do seu tempo, Jesus refaz as suas forças nas madrugadas, em silêncio junto ao Pai (Mc 1,35; Lc 5,16; 9,18). As primeiras comunidades cristãs conservaram uma imagem de Jesus orante, que vivia em contato permanente com o Pai, sobretudo nos momentos decisivos de sua vida, como na hora de iniciar sua missão (Lc 4,1-2). Talvez o que tenha marcado para sempre a vida de Jesus tenha sido a experiência do amor carinhoso do Pai no momento do seu batismo (Lc 3,21). Na hora da tentação, ele enfrenta o diabo com textos da Escritura (Lc 4,3-12). No momento de escolher os discípulos, Jesus passa a noite em oração (Lc 6,12).

Jesus percebe a urgência do anúncio do Reino de Deus e da denúncia daqueles que fecham o Reino de Deus para os pequenos, além de roubar as casas das viúvas, fazendo para elas longas orações. Jesus denuncia essas situações diretamente, sem medo e com a maior clareza (Mt 23,13-14). A oposição cresce! Então, Jesus vai para um lugar retirado e se coloca em oração, depois reúne seus discípulos e faz um levantamento da realidade (Lc 9,18). Depois disso, passa a falar da sua Paixão, pois percebe que sua vida está em

risco por ter assumido a arriscada missão de ser profeta do Reino.

Mas a oração de Jesus é também louvor e agradecimento. Diante da revelação do Evangelho aos pequenos, ele diz: “Pai, eu te agradeço!” (cf. Lc 10,21). Sua conexão é total. Na hora de ressuscitar Lázaro, Jesus diz: “Pai, eu sei que sempre me ouves!” (cf. Jo 11,41-42). A atitude orante de Jesus desperta nos discípulos e discípulas a vontade de rezar (Lc 11,1).

Nos momentos difíceis da sua vida, Jesus rezava os salmos. Ao sair da ceia para o horto, reza salmos com os discípulos (Mt 26,30). Na agonia do horto ou na hora de morrer. Como todo judeu piedoso, conhecia-os de memória. A recitação dos salmos não matou nele a criatividade. Pelo contrário. Jesus chegou a fazer um salmo que ele transmitiu para nós. É o Pai-Nosso. Sua vida era uma oração permanente: “Eu, a cada momento, faço o que o Pai me mostra para fazer!” (Jo 5,19.30) A ele se aplica o que diz o salmo: “Eu sou oração!” (cf. Sl 109,4).⁶ Com isso, Jesus pede que tenhamos uma vida de profunda intimidade com Deus e inspirada pela compaixão.

Jesus deixa bem claro que o amor se concretiza em atitudes de abertura, compaixão, solidariedade e acolhida criativas, que inventa tempo e lugar para dar um copo de água a quem tem sede; dar um prato de comida a quem tem fome; roupa a quem está desnudo (Mt 25,34-40). Jesus é concreto e realista. Para Jesus, quem se sente filho e filha de Deus o ama com todo o seu ser. Esse amor significa docilidade, disponibilidade total, entrega a Deus, fonte de todo amor, para que ame em cada um(a) de nós aos seus filhos e filhas.

É o amor a Deus que torna impossível viver no individualismo, fechado em si mesmo e nos problemas daqueles e daquelas que se ama. É o amor a Deus que nos livra da indiferença diante do sofrimento dos outros. É justamente no amor aos outros que se descobre a verdade do amor a Deus (1Jo 4,8).

6. Citações tiradas do livro de Carlos MESTERS e Mercedes LOPES, *Caminhando com Jesus* (São Paulo: CEBI/ Paulus, 2003. p. 117).

A abertura de Jesus para viver e aprender nas “margens”

Jesus não somente veio ao mundo em uma família pobre. Ele era conhecido como um galileu que morava em Nazaré, pequena cidade da discriminada Galileia: “De Nazaré pode sair algo de bom?” (Jo 1,46). Levava uma vida dura, trabalhando com as mãos, como carpinteiro, um ofício que aprendeu com São José. Jesus assumiu este trabalho cotidiano e humilde em uma atitude de aprendiz da vida. Na convivência com os pobres roceiros dos arredores de Nazaré, Jesus aprende as comparações ou *parábolas* que usará mais tarde para transmitir a seu povo a inédita mensagem do Reinado de Deus (Mc 4,1-9).

Atento aos sinais dos tempos, Jesus viu na prisão de João Batista o momento de iniciar sua missão (Mc 1,14). Deixa Nazaré, mas não sai da margem nem abandona sua postura de aprendiz da vida e dos pobres. Quando começa a anunciar o Reino de Deus, apaixona-se por essa missão e já não impõe parâmetros, nem medida, à entrega da sua vida, até do seu tempo de alimentação e descanso à multidão empobrecida, desarticulada, abandonada pelos chefes religiosos e civis do seu tempo. Seus familiares se assustam: “Ficou louco!”. E tentam agarrá-lo (cf. Mc 3,20-21). Mas ele continua firme na sua itinerância entre aldeias e povoados (Lc 8,1-3).

Certa ocasião, Jesus se retirou para a região de Tiro e Fenícia (Mt 15,21). Uma mulher siro-fenícia foi procurar Jesus para curar sua filha (Mc 7,24-30). Mas a sua condição de mulher estrangeira, pobre e pagã provocou reações no grupo que acompanhava Jesus (Mt 15,23). De acordo com sua visão, Jesus achava que tinha vindo resgatar seu povo, possibilitando-lhe uma nova visão do Pai. Mas a mulher não desiste e questiona a discriminação, exigindo a *migalha* que garante a vida e a liberdade da filha. Ela mostra para Jesus que todas as pessoas têm o direito a uma vida melhor e devem participar do seu projeto. Jesus acolhe a palavra da

mulher e reconhece a força da sua fé: “Pelo que disseste, vai: o demônio saiu da sua filha” (cf. Mc 7,29).

A sensibilidade e a abertura de Jesus para aprender com os pequenos torna-se para ele motivo de grande alegria. Certa ocasião, ele enviou seus discípulos e discípulas de dois em dois para as cidades onde ele mesmo devia ir (Lc 10,1). Jesus conhecia a simplicidade e o despreparo das pessoas que tinham deixado tudo para segui-lo. Mesmo assim, ele as envia com recomendações e com orações: “Quem ouve vocês é a mim que ouvem. Quem despreza vocês é a mim que estão desprezando e também ao Pai que me enviou” (cf. Lc 10,15). Na volta, aqueles setenta e dois discípulos e discípulas estavam muito surpresos e alegres pelas experiências que viveram na missão (Lc 10,17-19). E, diante dessa gente simples, capaz de perceber a força da vida presente em sua missão e superar o poder da morte, Jesus ficou muito alegre e louva ao Pai porque revela aos pequeninos seu mistério de amor (Lc 10,21-22).

Na sua busca por realizar o projeto de Deus, Jesus toma tempo para rezar no deserto, como já vimos anteriormente, mas vale a pena sublinhar aqui o sentido do deserto para ele. É no deserto, convivendo com as feras e tentado por Satanás, que ele procura discernir que tendência messiânica ele precisa assumir (Mc 1,12-13). Jesus não sai das margens para entrar em intimidade com o Pai e descobrir como anunciar a Boa-Nova do Reino. Ele se mantém na margem, sem nenhuma preocupação com segurança e estabilidade, buscando sempre na vida dos pobres o critério para fazer suas escolhas.

No âmbito da sua atividade missionária, chegando a Jerusalém, Jesus é vigiado pelos que detêm o poder: sacerdotes, anciãos, escribas, fariseus, herodianos, saduceus e romanos. Eles têm o controle da situação. Não vão permitir que Jesus, um carpinteiro agricultor lá do interior da Galileia, provoque desordem na capital. A morte de Jesus já estava decidida por eles (Mc 11,18; 12,12). Jesus era um homem condenado. Agora vai realizar-se o que ele mesmo tinha anunciado aos

assumiu o anúncio do anjo (Lc 1,26-38). Foi no seu ventre que Jesus tomou corpo, se fez humano.

Maria encarnou a Palavra viva de Deus. Acolheu-a tão intensamente que a Palavra se tornou carne da sua carne. E Maria a ofereceu à humanidade. Agora, ao pé da cruz, Maria contempla Jesus do nascimento até aquele momento. E, de olhos fixos em Jesus, corajosa, solidária, livre, toda de Deus e dos pobres, ela assume a missão de ser mãe da humanidade. É o último pedido que Jesus lhe faz (Jo 19,25-27). Ela escuta, ainda, seu último desejo: “Tenho sede!” (Jo 19,28), e a frase que indica sua entrega total: “Tudo está consumado!” (cf. Jo 19,30).

Mas, depois da ressurreição de Jesus, tudo recomeça na Galileia. As mulheres que foram até o túmulo de Jesus, na madrugada da ressurreição, receberam a *ordem* ou a *ordenação* de levar essa Boa-Notícia para os discípulos que tinham fugido. O jovem de branco dizia: “Agora vocês devem ir e dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vai para a Galileia na frente de vocês. Lá vocês o verão, como ele mesmo tinha dito” (cf. Mc 16,7). Na Galileia, à beira do lago, onde tudo tinha começado, tudo vai recomeçar. É Jesus que convida! Ele não desiste da margem. Foi em meio de um povo marginalizado que tudo começou. Agora, depois da sua ressurreição, ele pede que seus discípulos façam o mesmo. Aparecendo às mulheres e dando-lhes a ordem ou a *ordenação* de anunciar a ressurreição aos discípulos (Mt 28,9-10), Jesus subverte o sistema de vida da época. Numa sociedade onde as mulheres eram marginalizadas da vida pública e nem mesmo podiam depor como testemunhas nos tribunais, Jesus pede a todos para crer no testemunho de ressurreição dado pelas discípulas da Galileia.

Uma Vida Religiosa Consagrada em constante peregrinação

Ter um olhar sapiencial da realidade supõe a abertura dos ouvidos para escutar e dos olhos para ver de perto os rostos

de um povo crucificado: mulheres, homens, crianças cujas mortes são antecipadas, porque suas vidas não têm a menor importância para o sistema do mercado.

Como Vida Religiosa Consagrada, somos chamadas a seguir Jesus em proximidade com familiares de pessoas cujas mortes são antecipadas, cujas vidas estão sendo constantemente ameaçadas; consolar e fortalecer as mães que perdem suas crianças, adolescentes, jovens, sem ao menos poder enterrá-los. Somos desafiados a assumir uma solidariedade concreta. Inventar um jeito de reconstruir a história da Vida Religiosa Consagrada a partir dos pobres, fortalecidos(as) pela presença constante de Jesus ressuscitado.

Contudo, sabemos que são muitos e complexos os desafios do momento atual para a Vida Religiosa Consagrada. Suas consequências, nas Congregações, podem ser encontradas tanto em nível pessoal como comunitário: desânimo, cansaço, *stress*, desesperança, individualismo, tristeza podem ser visualizados nos rostos e nas falas de pessoas consagradas. Nas comunidades, carrega-se o peso de relações mal resolvidas, de intolerâncias e cobranças, de ausência da alegria evangélica de viver, juntos, a aventura do seguimento de Jesus. Na relação com a sociedade, sentimos dificuldades de comunicar coerentemente aquilo que buscamos ou, mesmo, de formular com alguma convicção quem somos. Segundo o Padre Carlos Palácio, sj,

a raiz deste nosso mal-estar é existencial. É por não saber *quem somos* que não temos a clareza sobre nosso lugar na comunidade eclesial, nem sobre a nossa função no mundo. A maior parte das nossas energias é consumida em administrar a nossa diminuição, o nosso envelhecimento, o peso das nossas instituições.⁷

Neste ambiente, como em um novo Pentecostes, escutamos a Palavra de Deus na Bíblia e na fala de cada pessoa aberta e disponível para estabelecer relações, aprendendo das experiências partilhadas. Encontramos com Jesus, rosto humano de Deus, convocando-nos de novo

7. PALACIO, Carlos, sj. *Começar de novo. Por uma construção da especificidade da VRA*. Palestra apresentada no Seminário Nacional da CRB, Itaici-SP, 23-27 de março de 2012.

para viver na intimidade com Jesus, gerando comunhão com outros(as) e tendo coragem de encontrar, no meio do povo marginalizado, o sentido da nossa consagração (Mc 3,13-14). A Vida Religiosa Consagrada somente tem futuro se nutre uma relação apaixonada por Jesus e se as

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Ao resgatar o seguimento de Jesus como núcleo de sentido e identidade para a Vida Religiosa Consagrada, que tipo de relações e espiritualidade estamos nutrindo?
2. Essa espiritualidade ajuda-nos a perceber o *Kairós* de Deus convocando-nos para cuidar e defender toda vida fragilizada, para que todos tenham vida em plenitude (cf. Jo 10,10), neste tempo de tanto desemprego, insegurança, violência, tráfico de seres humanos, armas e drogas?
3. Que ações concretas nossa comunidade está realizando ou deseja realizar na defesa e cuidado da vida fragilizada? Em que fronteiras? Com que parcerias ou redes?

Editorial

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
448/Jan-Fev	1	Saúde e paz para toda a Vida Religiosa Consagrada em 2012!	Plutarco Almeida
449/Mar	105	Na saúde, na doença, na loucura da cruz!	Plutarco Almeida
450/Abr	185	Silêncio, memória profética e integração na força da Palavra	Plutarco Almeida
451/Maio	257	Ver e ser visto por Jesus, na humildade e no serviço!	Plutarco Almeida
452/Jun	361	Da vocação do Irmão, da formação dos formadores e da solidariedade para com negros e índios	Plutarco Almeida
453/Jul-Ago	433	Vida Apostólica, mística, comunidade e missão	Plutarco Almeida
454/Set	513	Palavra viva e e caz	Plutarco Almeida
455/Out	585	Viver a Vida Religiosa no compromisso e na missão	Plutarco Almeida
456/Nov	649	Profecia, renovação e compromisso	Plutarco Almeida
457/Dez	721	Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter...	Plutarco Almeida

Mensagens e Entrevistas

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
448/Jan-Fev	5	De olhos xos em Jesus!	Márian Ambrosio
449/Mar	109	A arte do bem acolher	Ilse Carolina Rigo

450/Abr	197	Pronunciamento durante a celebração da Romaria dos Mártires da Caminhada	Dom Pedro Casaldáliga
451/Maio	257	Dom Jaime Spengler	Plutarco Almeida
455/Out	589	Mensagem da XVIII Assembleia Geral da CLAR	CLAR
	602	O que aprender do debate sobre anencefalia numa sociedade plural	Márcio Fabri dos Anjos
457/Dez	726	Mensagem anual do 3º Seminário Nacional de Irmãos	Religiosos Irmãos participantes do 3º Seminário Nacional

Palavra do Papa

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
450/Abr	189	“Silêncio e palavra: caminho de evangelização”	Bento XVI
453/Jul-Ago	436	Carta por ocasião do “Ano Clariano”	Bento XVI

Informes

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
448/Jan-Fev	9	Os Camilianos na foz do Amazonas	Léo Pessini
	31	Alcoolismo na Vida Religiosa: Comunidade Vida Nova salvando vidas	Guilherme Tracy e Terezinha Dias

	37	O rosto da Convergência 2012	Anderson Augusto de Souza Pereira
449/Mar	112	Ressonâncias do I Seminário de Formação Inicial Internacional, na Argentina	Adalto Luiz Chitolina
	116	Pastoral Escolar Damas, uma experiência de evangelização para os novos tempos	Flávia Matias de Queiroz
450/Abr	194	Irmãs Calvarianas e o trabalho pastoral com os surdos-mudos em Brasília	Helena Croda e Ana Maria Chaves
451/Maio	260	Do Vale do Javari ecoa um grito pela vida	Edina Margarida Pitarelli
452/Jun	365	Mbaraka e Takuara, um retrato do Povo Guarani do Mato Grosso do Sul	Elisa Maria Bisol
	373	Declaração anual do II Encontro de Irmãos da América Latina e do Caribe	

454/Set	517	Mensagem nal do Encontro Nacional da Vida Monástica e Contemplativa	CR(id)5.43B/CNB
	52	Jubileu de canonização de São Vicene Palloti	Denilson Geraldo
	522	Irmã Katherine, uma santa dos nossos dias	Marcos Sassatelli
455/Out	594	Trá co de seres humanos: uma chaga no coração da humanidade	Alice Maria Duarte
	598	Ano Jubilar das Irmãs Franciscanas de Cristo Rei 50 anos de presença apostólica no Brasil	Lenir Tressoldi
	60	Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora celebra 140 anos dedidos à educação	Ana Cosenza
456/Nov	653	Cardeal Martini, símbolo da Igreja do diálogo	CR
	658	Os primórdios do serviço pastoral aos pescadores e pescadoras artesanais do Brasil e as contribuições da Vida Religiosa Consagrada	Letícia Rocha, Neusa Nascimento, Cristiane Barros, Gilbetânia Andrade e Catarina Faveri
	664	Dom Isé Rdrigues de Sousa, CSsR, o bispo do sertão	Edegard Silva Júnior
	667	Merceários: noventa anos de Brasil – 1922-2012	Demerval Reis Soares Filho
	670	Salve os 110 anos da Congregação da Sagrada Família no Brasil!	Fátima Dans

804

457/Dez	730	Fórum Nacional – Atuação Profético-Missionária da Vida Religiosa Consagrada: desafios, alternativas, perspectivas	Antonia Mendes Gomes e Maria das Graças Apolinário
	739	XI Encontro Interinstitucional da Equipe Itinerante da Amazônia	João Gutemberg
	743	Irmãs Contemplativas do Bom Pastor: cem anos de amor e doação	Irmãs Contemplativas do Bom Pastor

Arte e Cultura

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
448/Jan-Fev	38	Sobre os padres na mídia e da mídia!	José Fernandes Oliveira (Pe. Zezinho)
449/Mar	129	A internet faz mal à Vida Religiosa?	Plutarco Almeida
450/Abr	199	Para tentar entender este novo mundo	Plutarco Almeida
451/Maio	278	Filmes que vale a pena assistir	Plutarco Almeida
452/Jun	380	Narrativa transmídia	Plutarco Almeida
453/Jul-Ago	458	A geração Z	Plutarco Almeida
454/Set	526	Novo tempo, novos vícios	Plutarco Almeida
455/Out	607	Nem tudo que reluz é ouro! Os perigos da internet	Plutarco Almeida

456/Nov	674	Da necessidade da leitura na Vida Religiosa Consagrada	Plutarco Almeida
457/Dez	745	<i>In memoriam</i>	Plutarco Almeida

Artigos

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
448/Jan-Fev	49	Diferentes gerações na Vida Consagrada: desafios e perspectivas!	J. B. Libanio
	63	Principais conceitos da estrutura homossexual e outros conceitos heterossexuais	Paulo Dullius
	84	A importância da Pastoral na formação	Romero José da Silva e Manoel Godoy
449/Mar	136	Na saúde e na doença	Luís Stadelmann
	155	A re-significação da formação permanente, a identidade presbiteral e a identidade do religioso presbítero	João da Silva Mendonça Filho
	165	A representação psíquica e social das gerações na Vida Religiosa: uma reflexão provocadora no mundo contemporâneo	Maria Eliane Azevedo da Silva
450/Abr	206	Intercongregacionalidade: possível, conveniente, necessária e indispensável	José Maria Arnaiz

	220	Convicções para este momento histórico	Vera Ivanise Bombonato
	231	“Que a saúde se difunda sobre a terra” (Eclo 38,8)	Rogério Félix Machado
	247	Saúde da voz: por uma melhor comunicação na vida comunitária e na missão	Lúcia Silva
451/Maio	285	Querer ver Jesus e deixa-se ver por Jesus	Jaldemir Vitério
	305	Diferentes gerações na VRC hoje: desafios e perspectivas	Paulo Dullius
	326	“Para salvar, o cavalo é ilusão” (Sl 33,17a). Autossu- ciência humana e Providência Divina no Sl 33	Rivaldave Paz Torquato
452/Jun	385	A vocação de Irmão, referência viva de fraternidade	José Maria Soterias
	410	Corporeidade e negritude: iluminações a partir da Teologia Afro-americana	Maicon Donizete Andrade Silva
	425	Ponto fraco da formação: a formação dos formadores	Giovanni Cipriani e Solange de Fátima Damião
453/Jul-Ago	462	Começar de novo. Por uma reconstrução da especi- cidade da VRA	Carlos Palácio
	472	A vivência hoje do núcleo identitário da VRC	Annette Havenne

	484	Vida Consagrada e missão. Preparando o Congresso Americano Missionário (CAM 4) e o Congresso Missionário Latino- Americano (COMLA 9)	Irmão Nery
	499	Tarefas que apontam para um novo modelo de Vida Religiosa Consagrada missionária hoje	Estêvão Raschietti
454/Set	531	A Palavra de Deus e suas interpeleções para a Vida Religiosa Consagrada na Amazônia hoje	Zenilda Petry
	543	As organizações religiosas e o desafio das estruturas mais rápidas e leves	Raimundo Barros
	557	Comunidades Eclesiais de Base: justiça e profecia na construção de uma nova ordem mundial	Francisco de Aquino Júnior
	571	O processo de envelhecimento na Vida Religiosa Consagrada: um começo de conversa	Eder D'Artagnan
455/Out	612	Abrir portas não costumeiras: vocação e proposta de Clara de Assis	Delir Brunelli
	623	Vida Religiosa e sociedade moderna: desde a <i>Gaudium et Spes</i>	Bárbara P. Bucker
	637	O lugar eclesial da vida religiosa monástica e contemplativa	Dom Gregório Paixão

456/Nov	683	A Vida Religiosa Consagrada e a eclesiologia do Concílio Vaticano II. Retorno às intuições eclesiológicas do Concílio por ocasião dos cinquenta anos de sua abertura	Paulo César Barros
	700	Amazônia, uma memória, uma história que invisibiliza a Vida Religiosa	Tea Frigerio
	712	Identidade, mística e missão	Mectildes Vilaça Castro
457/Dez	750	O Concílio Vaticano II e a renovação da Vida Religiosa Consagrada	Luiz Carlos Susin
	763	A Vida Religiosa e a Palavra de Deus, à luz da <i>Dei Verbum</i>	Johan Konings
	782	Jesus histórico: rosto humano de Deus	Mercedes Lopes